Viver sem Confusão

J. KRISHNAMURTI

DO MESMO AUTOR:

Porque não te satisfaz a Vida?

A Conquista da Serenidade.

Nós Somos o Problema.

Solução para os nossos conflitos.

Uma nova Maneira de Viver.

O Egoísmo e o Problema da Paz.

O Mêdo (Segunda edição).

Autoconhecimento, Correto Pensar, Felicidade (Primeira edição, esgotada).

A Luta do Homem.

A Finalidade da Vida.

Que o Entendimento seja Lei.

O Caminho da Vida.

Palestras no Brasil.

Palestras no Chile e México.

Palestras no Uruguai e na Argentina.

Idem em Ommen, 1936.

Idem em Ojai, Califórnia, 1936.

Idem em Nova Iorque, Eddington e Madrasta, 1937.

Acampamento em Ommen, 1937/38.

Adyar, Índia, 1933/34

Auckland, 1934

Ojai e Sarobia, 1940

Nota: *Os originais em inglês das obras acima encontram-se à venda, também, na sede da Instituição Cultural Krishnamurti, na Avenida Rio Branco, 117, sala 203, Rio de Janeiro. Tel.: 52-2697.*

J. KRISHNAMURTI

VIVER SEM CONFUSÃO

TRADUÇAO DE
HUGO VELOSO

INSTITUIÇAO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Rio Branco, 117, sala 203
Rio de Janeiro (BRASIL)

I

A maioria de nós enfrenta muitos problemas, tanto individuais como coletivos; há problemas que não só atingem a nossa vida pessoal, mas que nos tocam igualmente como cidadãos de um determinado país, como parte de uma coletividade, etc.. Temos problemas não apenas sociológicos e econômicos, mas também, se posso empregar o têrmo, espirituais. Enfrentamos problemas de tôda espécie; e quanto mais nos ocupamos com tais problemas, tanto mais parecem êles aumentar e multiplicar-se e tornar-se confusos.

A transmissão destas palestras por meio de intérprete (1) vai ser algo difícil, mas é de esperar que elas decorram satisfatòriamente, tão logo nos habituemos a esta circunstância. Há muitos anos não realizo palestras em tais condições; espero, pois, tenhais um pouco de paciência se houver alguma hesitação de minha parte.

Como eu ia dizendo, quanto mais nos ocupamos com êsses problemas, tanto mais êles parecem aumentar; e, com o aumento dos problemas, surge um sofrimento maior, maior aflição, maior confusão. Certo, o importante não é saber como resolver um determinado problema, mas, sim, descobrir como tratar os problemas logo que surgem, impedindo que aumentem ou se multipliquem. Isto é, cumpre-nos, evidentemente, atender aos problemas da existência em todos os níveis, e não num só determinado; porque, se procuramos resolver um problema no seu nível próprio, êsse problema, decerto, não pode ser resolvido.

---

1) As conferências de París foram interpretadas em francês, durante a sua realização, pelo senhor Francis Brunel (N. do T.).

Se nos ocupamos com o problema econômico, quer pessoal, quer coletivo, separadamente do problema espiritual ou psicológico, o problema econômico não pode ser solucionado. Para resolver determinado problema, cumpre compreender o criador do problema, e compreender o criador é, decerto, muito mais importante do que compreender o próprio problema; porque, uma vez compreendido o criador ou fabricante do problema, estamos capacitados a resolvê-lo. Nossa dificuldade, portanto, é a de compreender, não superficialmente, porém a fundo, o criador dos problemas — que somos nós mesmos. Por conseguinte, o estudo de nós mesmos não é uma fuga do problema, seja êle superficial, seja profundo; pelo contrário, a compreensão de nós mesmos é de importância muito maior do que a consecução de um resultado, ocupando-nos com o problema, transformando-o, ou desenvolvendo atividades em tôrno dêle.

Ora, como disse, o relevante não é procurar uma mera solução para o problema, seja econômico ou outro qualquer, seja individual ou coletivo, mas, sim, compreender o criador do problema; e compreender o criador do problema é muito mais difícil, requer vigilância muito maior, atenção maior, do que o simples estudo do problema. O criador do problema somos nós mesmos, e a compreensão de nós mesmos não implica um processo de isolamento, um processo de retraimento. Pensamos que é necessário agitar-nos, por-nos em atividade em tôrno do problema, porque, assim, temos pelo menos o sentimento de estar fazendo alguma coisa com relação a êle; e consideramos qualquer interêsse pelo estudo, pela compreensão do criador do problema, como um processo de isolamento, de enclausuramento, e portanto como a ne-

gação da ação. Revela, portanto, perceber que o estudo de nós mesmos não representa um processo de insulamento ou de inatividade; pelo contrário, é um processo de extraordinária atenção, de vigilante percebimento, o qual requer lucidez não apenas superficial, mas também interior.

Bem considerado, quando falamos de ação entendemos, de fato, reação, não é verdade? A maioria de nós reage a qualquer influência exterior e vive prêsa a êsse processo de reação; e a esta reação chamamos tratar do problema. Nessas condições, compreender a reação é o comêço da compreensão. Como salientei, o que tem importância não é tanto compreender o problema, mas, sim, compreender as reações de cada um de nós em face de qualquer estímulo, de qualquer influência ou condição específica. O estudo de nós mesmos é muito mais importante do que o estudo do problema — ao qual a maioria de nós tem consagrado tôda a sua vida. Temos estudado os problemas de todos os pontos de vista, mas nunca estudamos profundamente o fabricante dos problemas; e, para compreender o fabricante dos problemas, precisamos compreender as nossas relações, pois o fabricante dos problemas só existe em relação. Por conseguinte, o estudo das relações, para compreender o fabricante dos problemas, constitui nossa questão principal, e a compreensão das relações é o comêço do autoconhecimento. Não percebo como se possa compreender a vida, ou qualquer dos nossos problemas, sem a compreensão de nós mesmos; porque, sem conhecer a nós mesmos, não temos base para pensar, não temos base para a ação, não temos base para transformação ou revolução alguma, seja ela qual fôr.

Assim, começar a compreender as relações, pela qual se descobre o fabricante do problema, é de suma impor-

tância; e o fabricante do problema é a mente. Para compreender o fabricante dos problemas — a mente — não se requer que sejamos extraordinàriamente inteligentes, mas, sim, que estudemos todos os processos da reação psicológica em nós mesmos; e sem compreender o processo total da mente, o que quer que façamos em relação com os numerosos problemas, sejam individuais ou coletivos, seja o problema econômico, os problemas da guerra, do nacionalismo, etc. — sem compreender a mente, não há possibilidade de nos livrarmos de todos êsses problemas. A nossa questão, portanto, não é, na realidade, a guerra, nem o problema econômico, mas, sim, o estudo, a compreensão da mente; porque é a mente que cria os problemas, na vida de relação, quer se trate de relações com pessoas, quer com idéias ou com coisas. E a mente não pode ser compreendida como algo separado, para ser estudado num laboratório, pois só pode ser estudada na ação oriunda das relações.

A mente, afinal de contas, é o resultado do passado. O que vós e eu somos é o produto de muitos dias passados; nós somos a acumulação do passado, e, sem compreendermos êsse passado, não podemos ir adiante. Ora, para compreendermos o passado, devemos estudar todo o seu conteúdo, tudo o que nêle se acumulou? Isto é, para estudarmos o passado, nós podemos, ou penetrar nêle, aprofundar-nos em tôdas as memórias da raça, do grupo, do indivíduo, o que significa estudar o analista; ou podemos perscrutar se o analista é diferente do objeto da análise, se o observador é diferente do objeto observado. Porque, enquanto existe um analista a examinar o passado, êste analista é, por certo, também um resultado do passado; por conseguinte, aquilo que êle analisa, examina, tem de estar condicionado e ser, portanto, inadequado. O analista faz parte do objeto analisado, os

dois não estão separados — o que constitui fato bem óbvio, se o observarmos. Não há pensante separado do pensamento; e, enquanto *houver* um pensante separado do pensamento, um pensante a examinar o pensamento, em tal caso, qualquer que seja o resultado dêsse exame, o resultado é inevitàvelmente condicionado, e, portanto, inadequado. Esta a razão por que, antes de tentarmos compreender o problema da guerra, o problema econômico, ou outro problema qualquer, precisamos primeiramente compreender o pensante, que está analisando o problema. Porque o problema não é diferente do pensante, o pensante não está separado do pensamento — é o pensamento que cria o pensante. Se pudermos perceber êsse fato, descobriremos então que só há pensamento e não um pensante, um observador, um experimentador. Só há pensamento, e não o ser pensante. No momento em que percebemos êsse fato, a nossa maneira de considerar o problema, seja êle qual fôr, é inteiramente diferente, porque não há então um pensante tentando dissecar, analisar ou moldar um determinado pensamento: só há pensamento. Por conseguinte, é possível que o pensamento cesse sem o processo de luta, sem o processo de análise. Enquanto existe um pensante, como *eu* e *meu*, existe um centro do qual sempre promana a ação. Êste centro é òbviamente o resultado do nosso pensar, e o nosso pensar é produto de condicionamento; e quando o pensante apenas se desprende do condicionamento e procura produzir ação, modificação ou revolução, resta sempre o centro, que subsiste como permanente. A verdadeira questão, pois, é compreender e dissolver êsse centro, que é o pensante.

A dificuldade, na maioria dos casos, consiste — não é verdade? — em que o nosso pensar está assim condi-

cionado. Somos franceses, ou inglêses, ou alemães, ou russos, ou hindus, com um determinado *fundo* religioso, político, econômico, e sob a proteção dessa cortina de condicionamento procuramos resolver os problemas da vida, e o resultado é que aumentamos os problemas. Não enfrentamos a vida desembaraçados do nosso condicionamento; nós a enfrentamos como entidades dotadas de um certo *fundo,* de um certo preparo, de uma certa experiência. Uma vez condicionados, enfrentamos a vida de acôrdo com os nossos padrões especiais, e tal reação de acôrdo com padrões só tem o efeito de gerar mais problemas. É, pois, evidente, a necessidade de compreender e afastar êsses condicionamentos que aumentam os nossos problemas; mas a maioria de nós não percebe que está condicionada, e que êsse condicionamento resulta do nosso próprio desejo, da nossa própria ânsia de segurança. Afinal de contas, a sociedade circundante é o resultado de nosso desejo de segurança, de proteção, nosso desejo de permanecer em nosso especial condicionamento; e, como não percebemos o nosso condicionamento, continuamos a criar mais problemas. Temos um grande acúmulo de conhecimentos, um grande número de preconceitos, de ideologias, de crenças, a que nos apegamos, e êsses *fundos,* êsses condicionamentos, nos impedem de enfrentar a vida tal como ela realmente é. Sempre enfrentamos a vida, que é um desafio, com as nossas inadequadas reações, e por essa razão jamais a compreendemos, a não ser através de nossos especiais condicionamentos. O desafio é a vida, em constante transformação, em fluxo constante; cumpre-nos compreender, não o desafio, mas, sim, nossa reação ao desafio.

Ora, o nosso condicionamento é a mente; a mente é a sede de todo o nosso condicionamento — sendo que

êste é constituído por conhecimentos, experiência, crença, tradição, pela identificação com um determinado partido, com um determinado grupo ou nação. A mente resulta de condicionamento, a mente é o estado condicionado; por conseguinte, ao procurar resolver problemas, a mente só faz aumentarem êsses problemas. Enquanto se ocupa com um problema qualquer, num nível qualquer, a mente só pode criar maior perturbação, maior sofrimento e maior confusão. É possível, então, enfrentar o desafio da vida prescindindo-se do processo do pensamento, sem êssa experiência acumulada, que é a mente? Isto é, é possível enfrentar o desafio da vida sem a reação da mente, que é o condicionamento do passado? Quando surge um desafio, dá-se uma reação, a mente reage logo; e, se observarmos, veremos que a reação mental é sempre condicionada. Assim, quando surge um desafio, a mente, reagindo, só pode criar mais problemas, mais confusão, como sempre faz.

Por conseguinte, embora tenhamos inumeráveis problemas em todos os níveis da nossa existência, enquanto a mente os enfrentar, enquanto o pensamento a êles reagir, tem de haver maior confusão; e será possível enfrentar a vida sem a reação da mente condicionada? Só podemos enfrentar o desafio, sem a ingerência do pensamento, sem reação do pensamento, quando surge uma crise. Numa crise aguda, percebe-se que o pensamento não gera reação; o *fundo* não reage. É só nesse estado, no qual a mente não reage ao problema, como um processo de pensamento — é só então que podemos resolver os problemas que se apresentam a cada um de nós.

Deram-me várias perguntas, às quais passo a responder.

PERGUNTA: *A única arma que ofereceis às vítimas da injustiça social é o autoconhecimento. Isso, para mim, é irrisão. A História ensina que os povos nunca se libertaram a não ser pela violência. O estado da sociedade me condiciona, e portanto tenho de esmagá-la.*

KRISHNAMURTI: Antes de começarmos a destruir a sociedade, precisamos compreender o que é a sociedade, e como cada um deve agir, como cada um deve reagir à sociedade a que está prêso. O importante, pois, não é demolir a sociedade para nos libertarmos dela, mas, sim, compreender a estrutura da sociedade; porque, no momento em que compreendo a estrutura da sociedade, em sua relação comigo, saberei agir pela maneira correta.

Que é a sociedade? Não é o produto de nossas relações, as relações entre vós e mim e outro? Nossas relações constituem a sociedade, a sociedade não é algo separado de nós. Por conseguinte, alterar a estrutura da sociedade atual, sem compreender a vida de relação, significa, apenas, fazer continuar a sociedade atual sob forma modificada. A sociedade atual está em putrefação; é um processo de corrupção, de violência, no qual sempre impera a intolerância, o conflito, o sofrimento; e, para se produzir uma alteração fundamental nessa sociedade, torna-se necessária a compreensão de nós mesmos. Positivamente, essa compreensão de nós mesmos não é uma irrisão, e não está em oposição à ordem atual. Só existe oposição como reação. Não é possível realizar-se uma transformação fundamental da sociedade pelas idéias nem por uma revolução baseada em idéias, mas, tão só, pela transformação do indivíduo em suas relações com outrem. A sociedade, por certo, está necessitada de

transformação — tôdas as sociedades estão sempre necessitadas de transformação. Deve essa transformação ter por base uma idéia, isto é, deve estar apoiada no pensamento, no cálculo, em hábeis asserções e negativas dialéticas, etc. etc? Ou — visto que todos os padrões criam oposição — deveria realizar-se uma tal revolução independentemente de qualquer padrão? Só é possível uma revolução ao cessar a idéia do *eu*, como entidade separada da sociedade; e êsse *eu* só tem existência enquanto subsiste o pensamento, que é o desejo condicionado de estar em segurança de diversas maneiras.

Todos nós sabemos e reconhecemos que se torna necessária uma radical transformação, de alguma natureza, na estrutura da sociedade. Há os que dizem que essa transformação, essa modificação, deve basear-se numa idéia, numa ideologia; mas tôda idéia gera, invariàvelmente, oposição, e por conseguinte temos uma revolução de acôrdo com a direita ou com a esquerda. Pois bem: será possível uma revolução, uma revolução verdadeira, baseada numa idéia, numa crença? Isto é, quando a revolução é produto de um processo de pensamento, o que significa apenas uma reação do nosso *fundo,* dando uma continuidade modificada ao passado, será isso uma revolução verdadeira? Positivamente, revolução baseada em idéia não é revolução, e, sim, apenas, a continuação do passado, sob forma modificada, ainda que efetuada com muita inteligência e astúcia. Logo, a revolução, no exato sentido da palavra, só é possível quando a mente não é o centro da ação, quando a crença, a idéia, não é a influência predominante. É por isso que, para se promover uma transformação radical na sociedade, o indivíduo precisa compreender a si mesmo — o seu *eu,* constituído pelo *fundo* condicionado de idéias, experiência, conhecimentos, memória.

PERGUNTA: Meu marido foi morto numa guerra, meus filhos morreram noutra, e minha casa foi destruída. Dizeis que a vida é um estado de eterna criação; mas em mim estão quebradas tôdas as energias, e não me sinto capaz de participar dessa renovação.

KRISHNAMURTI: Que é que impede essa constante renovação em nossa vida, que impede *o novo* de realizar-se? Não será porque não sabemos morrer cada dia? Porque vivemos em estado de continuidade, num constante processo de transportar de dia para dia as nossas memórias, nossos conhecimentos, nossas experiências, nossas tribulações, nossas penas e sofrimentos, nunca entramos num dia novo, sem a lembrança do anterior. Para nós, a continuidade é a vida. Saber que *eu* continuo como memória, identificado com um determinado grupo, com um determinado conhecimento, com uma determinada experiência — para nós, isso é a vida; e o que tem continuidade, o que subsiste pela memória, como pode isso renovar-se? Positivamente, só é possível a renovação quando compreendermos, na sua inteireza, o processo do desejo de continuar; e só quando cessa tal continuidade como entidade, como *eu*, no pensamento, só então se produz uma renovação.

Afinal de contas, nós somos um feixe de lembranças: as lembranças da experiência, as lembranças que acumulamos pela vida, pela educação; e o *eu* é o resultado da identificação com tudo isso. Somos o resultado de nossa identificação com um determinado grupo — francês, holandês, alemão, ou hindu. Sem essa identificação com um grupo, com uma casa, um piano, uma idéia, ou uma pessoa, sentimo-nos perdidos; apegamo-

nos, por isso, à memória, à identificação, e essa identificação dá-nos continuidade, e a continuidade impede a renovação. Positivamente, só há possibilidade de renovarnos quando sabemos morrer e renascer em cada dia, isto é, quando estamos livres de tôda identificação, que dá continuidade.

A criação não é um estado de memória, é? Não é um estado em que a mente está ativa. A criação é um estado mental, do qual o pensamento está ausente; enquanto o pensamento funciona, não pode haver criação. O pensamento é contínuo, é o resultado da continuidade, e para o que tem continuidade não pode haver criação, renovação; o que é contínuo só pode mover-se do conhecido para o conhecido, e, por conseguinte, nunca pode ser o desconhecido. Por essa razão, a compreensão do pensamento, e a maneira de pôr fim ao pensamento ,são de grande importância. Pôr fim ao pensamento não é um processo de viver numa tôrre de marfim de abstração; pelo contrário, o findar do pensamento constitui a forma mais elevada da compreensão. O findar do pensamento gera a criação, e nesta há renovação; mas enquanto existir pensamento, não haverá renovação. Por esta razão é muito mais importante compreender como pensamos, do que considerar a maneira de renovar-nos. É só quando compreendo as tendências do meu próprio pensar, só quando percebo tôdas as suas reações, não apenas nos níveis superficiais, mas também nos profundos níveis inconscientes — é só então que, compreendendo a mim mesmo, o pensamento se extingue.

O findar do pensamento é o comêço da criação, o findar do pensamento é o comêço do silêncio; mas o findar do pensamento não pode dar-se pela compulsão, nem por nenhuma forma de disciplina, de constrangimento. Já devemos ter tido momentos em que a nossa mente se achou

muito tranqüila — espontâneamente tranqüila, sem nenhuma intenção de compulsão, sem nenhum impulso, nenhum desejo de fazê-la silênciosa. Já devemos ter experimentado momentos em que a mente estêve de todo quieta. Ora, essa tranqüilidade não é o resultado de continuidade, êssa tranqüilidade nunca pode ser o produto de uma certa forma de identificação. A mente, num tal estado, deixa de existir; isto é, o pensar, como reação de um determinado condicionamento, deixa de existir. Êste extinguir-se do pensamento é renovação, é o *estado de novo*, no qual a mente pode começar de maneira nova.

Assim, a compreensão da mente, não como pensante, mas só como pensamento, a direta percepção da mente como pensamento, sem nenhum senso de condenação ou justificação, sem escolha, causa a extinção do pensamento. Vereis então, se o experimentardes, que depois da extinção do pensamento não existe mais pensante; e, quando não existe pensante, a mente está tranqüila. O pensante é a entidade que tem continuidade. O pensamento, vendo-se transitório, cria o pensante como entidade permanente, e dá continuidade ao pensante; e o pensante se torna então o agitador, mantendo a mente em estado de constante agitação, de constante busca, indagação, ansiedade. Só quando a mente compreende o processo total de si mesma, sem nenhuma forma de compulsão, há tranqüilidade e, por conseguinte, uma possibilidade de renovação.

Assim, em tôdas essas questões o mais importante é compreender o processo da mente; e compreender o processo da mente não significa ação introspectiva, ação de auto-isolamento; não significa negação da vida, retraimento para um eremitério ou mosteiro, nem enclausuramento numa determinada crença religiosa. Pelo contrário, tôda crença condiciona a mente. A crença gera

antagonismo; e a mente que crê nunca pode estar tranqüila, a mente prêsa a um dogma nunca saberá o que é ser criador. Logo, nossos problemas só podem ser resolvidos quando compreendemos o processo da mente, que é a criadora dos problemas; e o criador só pode deixar de existir ao compreendermos a vida de relação. A vida de relação é a sociedade, e para promover uma revolução na sociedade, cumpre compreender as nossas reações na vida de relação. A renovação, êsse estado criador, só pode realizar-se quando a mente está de todo tranqüila, quando não está encerrada em atividade ou crença alguma. Quando a mente está quieta, totalmente tranqüila, porque o pensar se findou, só então há criação.

9 de abril de 1950.

II

NÃO há dúvida de que uma das nossas maiores dificuldades é que, ao procurarmos segurança, não apenas no mundo econômico, mas também no mundo psicológico ou, como se diz, espiritual, destruímos a segurança física. Em nossa busca de segurança econômica e psicológica, formamos certas idéias, atemo-nos a certas crenças, temos certas ansiedades, certos instintos de aquisição, e essa busca mesma acaba destruindo a segurança física, para a maioria de nós. Não importa, pois, descobrir por que razão a mente se prende com tanta fôrça a idéias, crenças, conclusões, sistemas e fórmulas? Porque, evidentemente, êsse apêgo a idéias e crenças, no intuito de alcançar a segurança interior, acaba destruindo a segurança externa ou física. A segurança física torna-se impossível em virtude do desejo, da ansiedade, da necessidade psicológica de procurar a segurança interior; logo, é de fato importante descobrir porque a mente, porque cada um de nós busca com ardor a segurança íntima.

Ora, é bem certo que todos nós necessitamos de segurança física, de alimentos, roupa, morada; e interessa-nos descobrir como é que a mente, quando busca a segurança interior, destrói a segurança exterior. Para criarmos a segurança física, precisamos investigar êsse desejo de segurança interior, êsse apêgo íntimo a idéias, crenças e conclusões. Porque atribuímos tamanha importância às idéias, à propriedade, a certas pessoas? Porque procuramos refúgio na crença, no isolamento, destruindo

afinal a segurança exterior? Porque se prende a mente com tanta fôrça, com tanta determinação, às idéias? O nacionalismo, a crenca em Deus, a crença numa fórmula desta ou daquela espécie, é, simplesmente, apêgo a uma idéia; e sabemos que as idéias, as crenças, separam as pessoas. Porque vivemos tão fortemente apegados a idéias? Se pudermos libertar-nos do desejo de segurança interior, talvez nos seja possível firmar a segurança exterior; porque é o desejo de segurança interior que nos separa, e não o desejo de segurança exterior. Precisamos de segurança exterior, é claro; mas a segurança exterior é impedida pelo desejo de estarmos em segurança, interiormente. Enquanto êste problema não fôr resolvido, não superficialmente, porém, radical, fundamental e sèriamente, não poderá haver segurança exterior.

Nosso problema, portanto, não é encontrar uma fórmula ou sistema que produza a segurança exterior, mas, sim, descobrir por que razão a mente está sempre à procura de isolamento interior, de satisfação interior, de segurança psicológica. É fácil formular a pergunta, mas descobrir a resposta correta, que deve ser a resposta verdadeira, isso é muito difícil. Porque a maioria de nós deseja a certeza, evita a incerteza; queremos a certeza em nossas afeições, queremos a certeza em nossa instrução, queremos a certeza em nossas experiências, porque essa certeza nos infunde uma sensação de garantia, de bem-estar, isenta de tôda perturbação, isenta do choque da experiência, do choque de uma nova qualidade que surge. É êsse próprio desejo de certeza que nos impede de investigar a necessidade de completa isenção de segurança interior. Evidentemente, encontramos grande satisfação na capacidade de fazermos coisas com as mãos ou com a mente, o que pressupõe conhecimento acumulado, experiência acumulada; e nessa capacidade buscamos a certeza porque nesse estado a mente nunca pode ser pertur-

bada, nêle não há ansiedade, não há temor, não há experiência nova.

Assim, a mente, na busca da certeza interior, através da propriedade, através das pessoas, das idéias, não deseja ser perturbada e levada à incerteza. Já não notastes muitas vêzes como a mente se revolta contra qualquer coisa nova — uma idéia nova, uma experiência nova, um estado novo? Quando a mente experimenta um novo estado, ela o traz logo para o seu próprio campo, isto é, para o campo do conhecido. A mente — não é verdade? — está sempre funcionando dentro do campo da certeza, dentro do campo do conhecido, dentro do campo da segurança, que é a *projeção* dela própria, e por conseguinte nunca pode experimentar algo que esteja além dela própria. O estado de criação, naturalmente, consiste em experimentar algo que está além da mente, e êsse estado de criação não pode manifestar-se enquanto a mente está apegada a qualquer forma de segurança, interior ou exterior. Torna-se, pois, evidente, que é de grande importância cada um de nós descobrir onde está apegado, onde está procurando segurança; e se a pessoa tiver real interêsse, ser-lhe-á fácil descobri-lo por si mesma, ser-lhe-á fácil descobrir de que maneira, através de que experiência, de que crença, a mente busca a sua segurança e certeza. Feito êste descobrimento, não em teoria, mas na prática, isto é, ao experimentar o indivíduo, diretamente, o seu apêgo à crença, a uma determinada forma de afeição, a uma determinada idéia ou fórmula, êle verá como surge um estado em que estará livre daquela determinada forma de segurança. E nesse estado de incerteza, que não é isolamento, não é temor, há o estado criador. A incerteza é essencial ao estado criador.

Vemos, no mundo, que as crenças e as ideologias estão dividindo as pessoas, produzindo catástrofes, desgraças e confusão. Conservando nossas crenças, divididos por opiniões e experiências pessoais, a que nos apegamos como se fôssem a verdade absoluta, queremos promover ação coletiva — o que evidentemente é impossível. Só pode haver ação coletiva, quando há completa isenção do desejo de nos refugiarmos numa ideologia, numa crença, num sistema, num grupo, numa pessoa, num determinado instrutor ou numa determinada doutrina. Só quando há completa isenção do desejo de segurança interior, nos é dada a possibilidade de segurança exterior, a possibilidade de ter as coisas físicas necessárias para a subsistência humana.

Vou responder a algumas das perguntas feitas, mas peço-vos não vos esqueçais de que não há resposta categórica — *sim* ou *não* — a nenhum problema humano. Precisamos pensar a fundo em cada problema, examiná-lo, perceber a verdade que encerra, e só então êle nos revelará sua própria solução.

PERGUNTA: Que é o pensamento? De onde provém? E qual a relação do pensante com o pensamento?

KRISHNAMURTI: Ora, quem é que faz esta pergunta? É o pensante que faz a pergunta? Ou a pergunta é produto do pensamento? Se o pensante faz a pergunta, então o pensante é uma entidade separada do pensamento, é o mero observador do pensamento, é o *experimentador* estranho à experiência. Assim, fazendo esta pergunta, tendes de verificar se o pensante é separado do pensamento. Fazeis a pergunta como se fôsseis independente, separado do processo do pensamento? Se

assim é, cabe-vos verificar se o pensante é de fato separado do pensamento. O pensamento é um processo de reação, não é verdade? Isto é, há um estímulo e uma reação; e a reação é o processo do pensar. Se não há estímulo de espécie alguma, consciente ou inconsciente, violento ou muito sutil, não há reação, não há pensar. Está claro, pois, que o pensar é um processo de reação ao estímulo. O pensar, o pensamento, é um processo de reação. Há em primeiro lugar a percepção, depois o contacto, a sensação, o desejo e a identificação: e começou o pensamento. O pensamento é um processo de reação a um estímulo, consciente ou inconsciente — isso é bem óbvio. Não há reação, se não há estímulo. O pensar, pois, é um processo de reação a qualquer forma de estímulo ou desafio.

Mas, será tudo? O pensante é produto do pensamento ou é uma entidade autônoma, não criada pelo pensamento, mas estranha ao pensamento e separada do tempo? Porque o pensamento é um processo temporal; o pensamento é a reação do *fundo* acumulado no passado, e a reação dêsse *fundo* é o processo do tempo. Então, o pensante é separado do tempo? Ou é o pensante parte do processo do tempo, que é pensamento?

Êste é um problema difícil de tratar em duas línguas, e seria muito mais simples a sua explanação se eu pudesse falar em francês. Como não posso — embora fale e compreenda um pouco essa língua — continuemos.

A pergunta é: *O que é pensamento, e que é o pensante?*. — O pensante é separado do pensamento ou é produto do pensar? Se é separado do pensamento, pode então operar sôbre o pensamento, pode controlá-lo, modificá-lo, transformá-lo; mas se faz parte do pensar, não pode operar sôbre êle. Ainda que julgue que pode con-

trolar o pensamento, transformá-lo ou modificá-lo, não é o pensante capaz de tal coisa, uma vez que êle próprio é produto do pensar. Cabe-nos, pois, averiguar se o pensamento produz o pensante, ou se o pensante, sendo separado, é independente do pensamento, podendo, por conseguinte, controlá-lo.

Ora, pode-se perceber muito bem que o pensante é resultado do pensamento; porque não existe pensante se não existe pensamento, não há *experimentador* quando não há experimentar. O experimentar, o observar, o pensar, produz o *experimentador*, o observador, o pensante. O *experimentador* não está separado da experiência, o pensante não está separado do pensamento. Porque então o pensamento fêz do pensante uma entidade separada? Se sabemos que o nosso pensar diário, que é uma reação ao estímulo, produz o pensante, porque acreditamos na existência de uma entidade separada do nosso pensar diário? O pensamento criou o pensante, como entidade separada, porque o pensamento está sempre a modificar-se, a transformar-se, e reconhece a sua própria impermanência. Sendo transitório, o pensamento deseja a permanência, e cria assim o pensante, como entidade permanente, fora da rêde do tempo. Criamos, assim, o pensante — que não passa de mera crença. Isto é, a mente, buscando a segurança, apega-se à crença de que existe um pensante separado do pensamento, um *eu* separado das minhas atividades diárias, das minhas funções diárias. Torna-se, assim, o pensante uma entidade separada do pensamento; e passa então o pensante a controlar, a modificar, a dominar o pensamento, o que cria conflito entre o pensante e o pensamento, entre o agente e a ação.

Se percebemos a verdade dêsse fato — isto é, que o pensante é pensamento, que não existe pensante se-

parado do pensamento, mas apenas o processo do pensar — que acontece? Se percebemos que só existe o pensar, e não um pensante empenhado em modificar o pensamento, qual é o resultado? Espero que me esteja fazendo claro. Até aqui, sabemos que o pensante está operando sôbre o pensamento, e isso gera conflito entre o pensante e o pensamento; mas, se percebemos a verdade de que só existe pensamento e não existe pensante, que o pensante é uma entidade arbitrária, artificial, e inteiramente fictícia — que acontece? Não é então afastado o processo do conflito? Nossa vida atualmente é conflito, uma série de batalhas entre o pensante e o pensamento — o que fazer e o que não fazer, o que deveria ser e o que não deveria ser. O pensante está sempre a segregar-se como *eu,* independente da ação. Mas, ao perecebermos que só existe pensamento, não afastamos a causa do conflito? Ficamos então aptos para perceber o pensamento, sem escolha, e não na qualidade de pensante observando o pensamento, do lado de fora. Ao afastarmos a entidade que gera o conflito, temos então, sem dúvida, a possibilidade de compreender o pensamento. Quando não existe pensante, observando, julgando, moldando o pensamento, mas apenas um percebimento, sem escolha, do processo total do pensar, sem resistência alguma, sem batalha, sem conflito, extingue-se o processo do pensamento.

A mente, ao compreender que não há pensante, mas só pensamento, elimina o conflito, e por conseguinte só existe o processo do pensar; e quando há percebimento do pensar, sem escolha, por ter sido eliminado o que escolhe, vereis então que se extingue o pensamento. A mente está então muito quieta, não está agitada; e nessa quietude, nessa tranqüilidade, compreende-se o problema.

PERGUNTA: Considerando as atuais condições do mundo, torna-se necessária ação imediata, por parte dos que não estão presos a sistema algum, nem da esquerda nem da direita. Como deve ser criado êsse grupo, e como agirá êle com relação à crise atual?

KRISHNAMURTI: Como deve ser criado êsse grupo, um grupo que não pertença nem à esquerda nem à direita, nem a crença alguma? Como deve ser formado tal grupo? Como pensais que êle deva ser formado? Que é grupo? Naturalmente, sois vós e sou eu, não é verdade? Para constituirmos tal grupo, vós e eu precisamos libertar-nos do desejo de estar em segurança, de estar identificados com qualquer idéia, crença, conclusão, sistema, ou país. Isto é, precisamos começar deixando de procurar refúgio numa idéia, numa crença, num conhecimento; então, òbviamente, vós e eu seremos o grupo que estará livre do exclusivismo de pertencer a isso ou àquilo. Mas *somos* um grupo assim? Vós e eu somos entidades assim? Se não estamos livres de crença, de confusão, de sistema, de idéia, podemos formar um grupo, mas tornaremos a criar a mesma confusão, a mesma aflição, a mesma autoridade dos guias, a mesma liquidação dos que divergem, etc., etc.. Assim, antes de formar um grupo, precisamos em primeiro lugar libertar-nos do desejo de segurança, do desejo de buscar refúgio em qualquer crença, qualquer idéia, qualquer sistema. Estamos, vós e eu, livres dêsse desejo? Se não estamos, não pensemos então em têrmos de grupos e de ação futura; pois o que importa, por certo, é descobrir, não apenas verbalmente, mas interiormente e profundamente, tanto nas zonas conscientes como nas zonas ocultas de nossas mentes e corações, se estamos de fato

livres do espírito de identificação com um determinado grupo, com uma determinada nação, determinada crença ou dogma. Caso contrário, se formarmos um grupo, criaremos infalìvelmente a mesma confusão, a mesma aflição.

Agora, direis com certeza: "Levará muito tempo até que eu me liberte das minhas crenças, dos dogmas que *projetei* e que resultam do meu próprio pensar; logo, não posso operar, nada posso fazer, terei de esperar". Esta é a vossa reação, não é verdade? Dizeis: "Como não sou livre, que devo fazer? Não posso agir". Não é isso que perguntais? E enquanto esperais, o mundo continua a criar mais confusão, mais sofrimento, mais horrores, mais destruição. Ou, na vossa ânsia de cooperar, vós vos atirais à atividade, munidos das vossas crenças e criais, assim, maior confusão. Por certo, o que importa é reconhecer que não pode haver ação correta, enquanto a mente se apega a uma determinada confusão ou crença, seja da esquerda, seja da direita; porque, se de fato perceberdes essa verdade, estareis, é claro, apto para agir. E isso não requer tempo, não é uma questão de progresso, de evolução gradual, é? Mas vós não estais interessado, não desejais perceber essa verdade. Dizeis, apenas: "Ora, é preciso tempo para eu me libertar" — e não pensais mais na questão.

A questão, portanto, é a seguinte: É possível que uma pessoa comum, como vós e eu, uma pessoa não muito intelectual, etc., fique livre imediatamente do desejo de conservar uma determinada crença ou um determinado dogma? É possível ficar livre da crença imediatamente? Quando fazeis esta pergunta a vós mesmo a sério, resta-vos alguma dúvida? Depende do tempo o pensardes nisso? Quando reconheceis que a crença divide as pessoas, quando o percebeis de fato e o compreendeis no íntimo, não se desfaz a crença em vós? Isso não re-

quer esfôrço, luta, processo de tempo. Relutamos, porém, em reconhecer êsse fato — e aí é que está o mal. Queremos agir, e por isso filiamo-nos a grupos, talvez um pouco mais cultos, um pouco mais benevolentes, um pouco mais agradáveis. Um grupo nessas condições pode operar, mas só há de produzir o mesmo caos, em outro sentido. Mas se vós e eu perecebermos a verdade de que cada um de nós pode libertar-se do dogma, da crença, então, por certo, quer formemos, quer não formemos grupo algum, agiremos; e é essa a ação que se requer, e não a ação baseada numa idéia.

O ponto importante desta questão é, pois, se pode haver ação sem idéia, sem crença. Vemos que, no mundo inteiro, a ação apoiada numa crença, num dogma, numa conclusão, num sistema ou numa fórmula, sempre conduziu à divisão, ao conflito, e à desintegração. É possível então agir sem idéia, sem crença? Cabe-vos descobrir isso, não é verdade? — e não simplesmente aceitá-lo ou rejeitá-lo. Cabe-vos descobrir por vós mesmo se é possível tal ação; e isso só descobrireis experimentando, e não crendo nessa possibilidade ou a rejeitando. Ao perceberdes que tôda ação baseada na crença, no dogma, na conclusão, no cálculo, tem de gerar, inevitàvelmente, a separação, e, portanto, a desintegração — ao perceberdes êsse fato, experimentareis a ação sem imposição de uma idéia.

PERGUNTA: Qual a relação do indivíduo com a sociedade? Êle tem alguma responsabilidade perante ela? Se a tem, deve modidificar ou repudiar a sociedade?

KRISHNAMURTI: Ora, que é indivíduo, e que é sociedade? Que sois vós e que sou eu? Não somos o produto de nosso passado, de nossa educação, nossas influências sociais e ambientais, nossa formação religiosa?

Somos o resultado de tudo quanto nos circunda, e as coisas que nos rodeiam são, por sua vez, criadas por nós mesmos — não é verdade? A sociedade que existe no presente é produto de nossos desejos, de nossas reações, de nossas ações. Nós *projetamos* a sociedade e depois nos tornamos os instrumentos dessa sociedade. Não sois o produto da sociedade que vós mesmo criastes? Não existe, por certo, uma divisão extraordinária ou linha de demarcação entre o indivíduo e a sociedade. A individualidade vem à existência posteriormente, muito mais tarde, quando comçamos a libertar-nos das influências sociais.

Vós sois um indivíduo? Ainda que tenhais um nome próprio, ainda que sejais dono de um pedaço de terra, de uma residência particular, ainda que tenhais vossas relações pessoais, um depósito particular no banco, sois de fato um indivíduo, ou apenas um produto do ambiente? Embora tôdas essas coisas vos façam pensar que sois separado, não sois parte do todo? E como podeis ter relações com o todo, a menos que estejais separado dêle? Afinal de contas, nossa mente é o resultado do passado, não é verdade? Todos os nossos pensamentos estão fundados no passado, e êste, tanto o consciente como o inconsciente, é o resultado dos pensamentos, dos esforços, lutas, intenções e desejos de todos os sêres humanos. Constituímos, por conseguinte, a soma de tôda a luta humana; e uma vez que somos o resultado da massa, da sociedade, não podemos dizer que somos separados, que estamos nìtidamente apartados dela. Nós *somos* a sociedade; somos parte do todo, não somos separados. A separação só se efetua quando a mente começa a perceber onde está o falso, e por conseguinte o rejeita. Só então existe uma individualidade que não resiste à sociedade, que a ela não se opõe, uma individualidade não baseada na oposição, na resistência, na aquisição, mas que com-

preendeu o falso e, por conseguinte, dêle se apartou. Só uma entidade assim pode operar sôbre a sociedade, e, por conseguinte, sua responsabilidade perante a sociedade é completamente diferente. Ela agirá então, não no sentido de repudiar ou de modificar a sociedade, mas em virtude de sua própria compreensão, de sua própria vitalidade, a qual surge com o descobrimento daquilo que é falso. Enquanto vós e eu não possuirmos o autoconhecimento, enquanto não compreendermos todo o processo de nos mesmos, o mero repudiar ou modificar a sociedade não tem significação alguma. Para se promover uma revolução fundamental na sociedade, é essencial o autoconhecimento, e autoconhecimento significa perceber o falso. Dêsse percebimento nasce a compreensão do *estar só* — êsse estar só que não significa retraimento, nem isolamento, mas que é essencial para podermos agir verdadeiramente, porque apenas quem *está só* é criador. Não se realiza a criação, quando tôdas as influências do passado estão-se ingerindo no presente; a criação só se realiza quando há um *estar só* que não é solidão, que não constitui um estado de separação, de divisão. É um *estar só* que vem pela compreensão tanto do que está oculto como do que é consciente; e nesse *estar só* é possível uma ação eficaz de transformação da sociedade.

PERGUNTA: Que relação tem a morte com a vida?

KRISHNAMURTI: Há divisão entre vida e morte? Porque consideramos a morte como algo separado da vida? Porque tememos a morte? E porque se têm escrito tantos livros sôbre a morte? Porque existe esta linha de demarcação entre a vida e a morte? E esta separação é real, ou meramente arbitrária, coisa da mente?

Ora, quando falamos da vida, entendemos o viver como um processo de continuidade, no qual há identifi-

cação. Eu e minha casa, eu e minha espôsa, eu e meu depósito no banco, eu e minhas experiências passadas — é isso o que entendemos por vida, não é verdade? Viver é um processo de continuidade, na memória, tanto consciente como inconsciente, com suas várias lutas, disputas, incidentes, experiências, etc. Tudo isso é o que chamamos vida; e em oposição a isso está a morte, que lhe põe têrmo. Tendo, pois, criado o oposto — a morte — e temendo-a, começamos a indagar da relação existente entre a vida e a morte; e se podemos lançar uma ponte sôbre o intervalo, com alguma explicação, com a crença na continuidade, na vida futura, ficamos satisfeitos. Cremos na reincarnação ou noutra forma de continuidade do pensamento, e tentamos então estabelecer uma relação entre o conhecido e o desconhecido. Procuramos ligar o conhecido ao desconhecido e descobrir a relação entre o passado e o futuro. É o que fazemos, não é verdade? — quando indagamos se existe alguma relação entre a vida e a morte. Queremos saber como se liga o viver ao findar; tal é, sem dúvida, o nosso pensamento fundamental.

Ora, pode o fim, que é a morte, ser conhecido enquanto vivemos? Isto é, se pudermos saber o que é a morte enquanto vivemos, não teremos problema algum. É porque somos incapazes de experimentar o desconhecido, enquanto vivemos, que o tememos. Daí nossa luta para estabelecer uma relação entre nós, que somos o resultado do conhecido, e o desconhecido, a que chamamos morte. E pode haver relação entre o passado e algo que a mente é incapaz de conceber, e que chamamos morte? E porque separamos as duas coisas? Não é porque a nossa mente só pode funcionar dentro do campo do conhecido, dentro do campo do contínuo? A pessoa só conhece a si mesma como pensante, como agente, com cer-

tas lembranças de sofrimento, de prazer, de amor, de afeição, de experiências várias; a pessoa só conhece a si própria como contínua — pois, do contrário, não teria recordação de si mesma como existente. Ora, quando essa existência chega a um fim, que se chama morte, há o temor ao desconhecido; por isso, desejamos arrastar o desconhecido para o conhecido, e todos os nossos esforços visam dar continuidade ao desconhecido. Isto é, não queremos conhecer a vida que encerra a morte, mas queremos saber como continuar, sem chegarmos a um fim. Não queremos conhecer a vida e a morte, só queremos saber como continuar sem nunca findar.

Ora, o que continua não tem renovação. Não pode haver nada novo, não pode haver nada criador, naquilo que tem continuidade — isso é bem evidente. Só quando termina a continuidade se torna possível aquilo que é sempre novo. Mas é êsse findar que nos apavora, não percebendo que só no findar pode haver renovação, criação, o desconhecido — e não no transportar de dia para dia nossas experiências, nossas lembranças e desventuras. É só quando morremos em cada dia para tudo o que é velho, que pode haver *o novo*. Não pode existir *o novo* onde existe a continuidade — pois *o novo* é o criador, o desconhecido, o eterno, Deus, ou como o queirais chamar. A pessoa, a entidade contínua, que busca o desconhecido, o real, o eterno, nunca o encontrará, uma vez que só lhe é possível achar aquilo que *projeta* de si mesma, e aquilo que ela *projeta* não é o real. Assim, só no findar, só no morrer, pode o novo ser conhecido; e o homem que procura uma relação entre a vida e a morte, que procura ligar o contínuo com aquilo que êle supõe estar além, está vivendo num mundo fictício, num mundo irreal, que é uma projeção de si mesmo.

Ora, é possível, enquanto vivemos, morrer — o que significa terminar, ser qual o nada? É possível, enquanto vivemos neste mundo, onde tudo se torna cada vez mais ou cada vez menos, onde tudo é um processo de ascensão, de consecução, de bom êxito — é possível, num mundo assim, conhecer a morte? Isto é, será possível extinguir tôdas as lembranças — não as lembranças dos fatos, o caminho de casa, etc., mas o apêgo interior, através da memória, à segurança psicológica, às lembranças que acumulamos, armazenamos, e nas quais buscamos a segurança, a felicidade? É possível pôr fim a tudo isso — o que significa morrer cada dia, de modo que possa haver uma renovação amanhã? É só assim que conhecemos a morte, enquanto vivos. Só nesse morrer, nesse findar, nessa eliminação da continuidade, há renovação, há aquela criação, que é eterna.

16 de abril de 1950.

III

NÃO é muito importante que aquêles que desejam saber o que é a verdade, a descubram por sua própria experiência, e não simplesmente a aceitem ou nela acreditem, em conformidade com um determinado padrão? Sem dúvida, é essencial que o indivíduo descubra por si mesmo o que é a realidade, o que é Deus — o nome que lhe dais não tem muita importância — porque essa é a única coisa deveras criadora, a única porta pela qual se pode achar aquela felicidade que não é transitória, que não é dependente. Os mais de nós buscamos a felicidade, sob uma forma ou outra, e queremos encontrá-la por meio do saber, da experiência, de luta constante. Mas, sem dúvida, felicidade que depende de algo não é felicidade. No momento em que, para nossa ventura, dependemos de bens materiais, de pessoas, ou de idéias, essas coisas se tornam muito importantes e a felicidade nos foge. As mesmas coisas de que dependemos, para nossa felicidade, se tornam mais importantes do que a própria felicidade. Se vós e eu dependemos, para nossa ventura, de certas pessoas, essas se tornam importantes; e se dependemos de idéias, para sermos felizes, as idéias se tornam importantes. O mesmo acontece com relação à propriedade, nome, posição, poder, etc. — no momento em que, para nossa felicidade, dependemos de qualquer dessas coisas, elas se tornam devastadoramente essenciais em nossas vidas.

A dependência, pois, é a negação da felicidade; e no momento em que uma pessoa depende de idéias, de

outras pessoas, ou de coisas, é óbvio que uma tal relação ocasiona o isolamento. A dependência mesma implica isolamento, e onde há isolamento não pode existir verdadeiras relações. Só na compreensão das verdadeiras relações é possível ao indivíduo libertar-se da dependência, da qual provém o isolamento; e esta é a razão por que julgo muito importante examinar a fundo, de maneira cabal, a questão das relações. Se as relações não passam de dependência, é evidente que levam ao isolamento, não podendo deixar de gerar várias formas de temor, de auto-enclausuramento, de ânsia de posse, de ciúme, etc.. Quando buscamos a felicidade através de relações, seja com a propriedade, com pessoas, seja com idéias, invariàvelmente *possuímos* essas *coisas;* temos de possuí-las, porque delas derivamos a nossa felicidade — pelo menos assim pensamos. Mas do próprio possuir das coisas de que dependemos, nasce o processo de auto-enclausuramento; e as relações, que deveriam conduzir à destruição da pessoa, do *eu,* das limitadoras influências da vida, se tornam cada vez mais rígidas, cada vez mais restritas, limitadas, e destroem a própria felicidade que buscamos.

Assim, enquanto, para nossa felicidade, dependermos de coisas, pessoas, ou idéias, as relações são um processo de auto-enclausuramento, de isolamento — julgo muito relevante compreender isso. No presente, tôdas as relações tendem a restringir a nossa ação, o nosso pensamento, os nossos sentimentos; e, enquanto não compreendermos que a dependência está obstando à nossa ação e destruindo a nossa felicidade, enquanto não percebermos essa verdade, não há possibilidade de um movimento mais amplo e mais livre do pensamento e do sentimento. Afinal de contas, recorremos aos livros, aos Mestres, aos instrutores, recorremos às disciplinas,

ou à experiência e ao saber, para encontrar uma felicidade duradoura, um refúgio seguro, uma proteção; e por isso multiplicamos Mestres, livros, idéias, conhecimentos. Mas, de fato, ninguém pode dar-nos aquela felicidade, ninguém pode libertar-nos de nossos próprios desejos, de nossas influências limitativas; e, por conseguinte, é importante — não achais? — que conheçamos a nós mesmos completamente, não apenas a zona consciente, mas também a zona interior de nós mesmos. Êste autoconhecimento só se manifesta nas relações, porquanto a compreensão das relações revela o processo do eu. *Só* quando compreendemos o *eu* em tôda a sua extensão, e suas atividades, não apenas no nível superficial, mas em todos os níveis mais profundos, é que ficamos livres da dependência e temos, portanto, a possibilidade de compreender o que é a felicidade. A felicidade não é um fim em si, tão pouco a virtude o é; e se fazemos da felicidade ou da virtude um fim, temos de depender das coisas, das pessoas ou das idéias, dos Mestres ou do saber. Todavia, ninguém, senão nós mesmos, pela compreensão das nossas relações, na vida diária, pode dar-nos a possibilidade de libertar-nos de nossa restritiva confusão, nossos conflitos e limitações.

Parecemos pensar que a compreensão do *eu* é extremamente difícil. Temos a impressão de que para descobrirmos o processo do *eu*, as tendências do nosso pensamento nos recônditos de nossa própria mente e coração, precisamos dirigir-nos a outra pessoa, para nos ensinar ou nos fornecer um método. Sem dúvida, tornamos o estudo do *eu* sobremodo complicado, não é verdade? Mas será tão difícil assim o estudo do *eu?* Será necessária a ajuda de outra pessoa, por mais adiantado, por mais elevado que seja o nível em que se situa o Mestre?

Ninguém, por certo, pode ensinar-nos a compreender o *eu*. Cabe-nos descobrir o processo total do *eu*; mas para isso requer-se espontaneidade. Não podemos impor-nos uma disciplina, um modo de operar; só podemos estar cônscios de instante a instante, de cada movimento do pensamento, de cada sentimento, na vida de relação. E para a maioria de nós, isso é que é difícil: estar cônscio, sem escolha, de cada palavra, de cada pensamento, de cada sentimento, na vida de relação. Mas, não é necessário uma pessoa seguir outra pessoa para ficar cônscia; não há necessidade de um Mestre, um sábio, uma crença. Para conhecer o processo integral da mente, basta apenas a intenção de estar vigilante, atento, sem condenação nem justificação. Uma pessoa só pode conhecer a si mesma quando está vigilante, na vida de relação, nas relações com sua espôsa, com seus filhos, com seu próximo, com a sociedade, com o saber adquirido, com as experiências acumuladas. Porque somos indolentes, preguiçosos, dirigimo-nos a outras pessoas, a um guia, a um Mestre, para nos instruir ou dar-nos um método de conduta. Mas, sem dúvida, êsse desejo de recorrer a outras pessoas só nos faz ficar dependentes; e quanto mais dependentes somos, tanto mais afastados estamos do autoconhecimento. E só pelo autoconhecimento, pela compreensão do processo integral de si mesmo, encontra o indivíduo a libertação; nesse libertar-se do seu processo de enclausuramento, de limitação, de isolamento, encontra o indivíduo a felicidade.

Importa, por conseguinte, que o indivíduo compreenda a si mesmo, completa, profunda e totalmente. Se eu não conheço a mim mesmo, se não vos conheceis a vós mesmos, que base temos para o pensamento, para a ação? Se não conheço a mim mesmo, não apenas superficialmente, mas também nos níveis profundos, de onde

promanam todos os motivos, reações, desejos e impulsos acumulados, como posso pensar, agir, viver, ser? Não é, pois, importante que eu conheça a mim mesmo o mais completamente possível? Se não conheço a mim mesmo, como posso dirigir-me a outrem em busca da verdade? Posso dirigir-me a outrem, posso escolher um guia, por causa da minha confusão; mas justamente porque o escolhi em virtude da minha confusão, o guia, o instrutor, o Mestre, há de estar também confuso. Assim, enquanto há escolha, não pode haver compreensão. A compreensão não vem pela escolha; a compreensão não vem pela comparação, nem pela crítica, nem pela justificação. Só vem a compreensão quando a mente, tendo ficado inteiramente cônscia de todo o processo de si mesma, se tornou tranqüila. Quando a mente está de todo silenciosa, sem exigência alguma — só nessa tranqüilidade existe a compreensão, existe a possibilidade de experimentar o que transcende o tempo.

Antes de responder a algumas das perguntas, seja-me permitido salientar, se não tendes objeção, que o importante é cada um descobrir a verdade por si mesmo. Isto é, vos e eu vamos investigar a verdade contida em cada problema, descobri-la por nós mesmos, experimentá-la por nós mesmos; do contrário, ficaremos apenas no nível verbal, e nenhum valor terá isso. Se pudermos experimentar a verdade de cada questão, de cada problema, talvez o problema se resolva completamente; mas, se permanecermos no nível verbal, se ficarmos a discutir, a argumentar uns com os outros, com palavras, não encontraremos a solução do problema. Assim, ao considerar as perguntas, não estarei apenas emitindo palavras, mas vós e eu estaremos tentando descobrir a verdade contida na questão; e para encontrarmos a verdade, precisamos desprender-nos de nossas âncoras, de nos-

sos compromissos, da influência das idéias, e proceder, passo a passo, na investigação da verdade contida na questão.

PERGUNTA: Uma vez que os indivíduos criadores podem subverter a sociedade segundo suas próprias idiossincrasias e aptidões, a capacidade de criar não deve ficar sob contrôle da sociedade?

KRISHNAMURTI: Ora, que entendemos por capacidade criadora? É ser criador inventar a bomba atômica ou descobrir métodos de matar? É ser criador o possuir uma aptidão, um dom? É ser criador ter a capacidade de falar muito bem, de escrever livros inteligentes, de resolver problemas? É ser criador descobrir o processo da natureza, os ocultos processos da vida? Qualquer dessas coisas é um estado de criação? Ou a criação é algo inteiramente diferente da expressão criadora? Posso ter a capacidade de expressar no mármore uma certa visão, um certo sentimento; ou, se sou cientista, posso ser capaz de descobrir alguma coisa, segundo minhas tendências e possibilidades. Mas, isso é criação? A expressão de um sentimento, a realização de uma descoberta, o escrever um livro ou poema, o pintar um quadro — qualquer dessas coisas é necessàriamente criação? Ou é a criação coisa inteiramente diversa, independente da expressão? Para nós, a expressão parece ter enorme importância, não é verdade? Ser capaz de dizer alguma coisa, por meio de palavras, por meio de um quadro, um poema, ser capaz de concentração para o descobrimento de um determinado fato científico — significa isso um processo de criação? Ou é a criação algo que em absoluto não provém da mente? Afinal de contas,

quando a mente exige, ela encontrará uma solução. Mas sua solução será a solução criadora? Ou, só há criação quando a mente está de todo silenciosa — quando não pede, não exige, não investiga?

Ora, nós somos o resultado da sociedade, somos os depositários da sociedade; e nós ou nos conformamos com a sociedade, ou nos desligamos dela. Êsse rompimento com a sociedade depende do nosso *fundo*, do nosso condicionamento; logo, não significa que somos livres — pode ser mera reação do *fundo* a certos incidentes. Assim, um homem que só é criador no sentido comum da palavra, pode ser um homem perigoso, destrutivo, cuja ação não transforma de nenhuma maneira fundamental essa sociedade respeitável e exploradora que é a nossa; e o interrogante deseja saber se a sociedade não deveria controlar sua capacidade criadora. Mas quem deverá representar a sociedade? Os guias, as pessoas que detêm o poder, as pessoas que são respeitáveis e têm possibilidades de controlar as outras? Ou deve o problema ser estudado de maneira inteiramente diversa? Isto é, a sociedade é o resultado de nossas próprias projeções, de nossas intenções; logo, não estamos separados da sociedade; e uma vez que o homem que se opõe à sociedade não é necessàriamente um revolucionário, não é importante compreender o que se entende por revolução? Com efeito, enquanto basearmos a revolução numa idéia, não há revolução, há? Uma revolução baseada numa crença, num dogma, no saber, não é revolução, absolutamente: é mera continuação modificada do *velho*. Isto é, tôda reação do nosso *fundo* à influência condicionadora da sociedade constitui uma fuga, e, evidentemente, não é revolução.

Só há revolução real, não dependente de idéia,

quando compreendemos o processo total de nós mesmos. Enquanto aceitarmos o padrão da sociedade, enquanto produzirmos as influências que geram uma sociedade baseada em violência, intolerância, e progresso estático — enquanto existir êsse processo, a sociedade procurará controlar o indivíduo. E enquanto o indivíduo tentar ser criador dentro do campo do seu condicionamento, sem dúvida não pode ser criador. Só há criação quando a mente é compreendida de maneira completa, e, em tal caso, a mente não depende da mera expressão — a expressão é de importância secundária.

Está visto, pois, que muito importa descobrir o que é ser criador; e a capacidade criadora só pode ser descoberta e compreendida, a sua verdade só pode ser percebida, quando compreendo o processo total de mim mesmo. Enquanto houver uma *projeção* da mente, seja no nível verba ou em qualquer outro, não pode haver um estado criador. Só quando cada movimento do pensamento é compreendido e, por conseguinte, cessa — só então existe a ação criadora.

PERGUNTA: *Rezei pela saúde do meu amigo e minha prece produziu certos resultados. Se eu orar para ter paz de coração, poderei entrar em contacto direto com Deus?*

KRISHNAMURTI: É óbvio que todo pedido, tôda súplica, tôda prece, produz resultados. Vós pedis e recebeis — é um fato psicológico, evidente, que podeis verificar por vós mesmo. Psicològicamente, vós pedis, rogais, suplicais, e obtereis uma resposta; mas é a resposta da realidade? Para achar a realidade não deve haver

pedido, nem prece, nem súplica. Afinal de contas, vós só orais quando estais em confusão, quando cheios de atribulações e aflições, não é verdade? Em caso contrário, não orais. Só quando estais confuso, quando sofreis muito, desejais o socorro de outrem; e a prece, que é um processo de exigir, obtém necessàriamente uma resposta. Essa resposta pode ser produto das camadas profundas e inconscientes de nós mesmos, ou pode ser um resultado do coletivo; mas, por certo, não é a resposta da realidade. Vê-se que, pela oração, pela postura, pela repetição constante de certas palavras e frases, a mente é posta tranqüila. Quando a mente fica tranqüila, depois de lutar com um problema, é óbvio que surge uma resposta; mas essa resposta, na certa, não provém daquilo que está além do tempo. Vosso rôgo situa-se no campo do tempo, e por conseguinte a resposta também se situará no campo do tempo. Esta é, pois, uma parte da questão: quando oramos — o que implica súplica, rôgo — há de haver uma resposta; mas a resposta não é a resposta da realidade.

O interrogante deseja saber se pela prece é possível entrar em contacto direto com a realidade, com Deus. Com o pôr a mente tranqüila, com forçar a mente, com a disciplina, com a repetição de palavras, com o assumir certas posturas, com o constante controlar e subjugar — é possível por tal maneira entrar em contato com a realidade? Claro que não. A mente moldada pelas circunstâncias, pelo ambiente, pelo desejo, pela disciplina, nunca pode ser livre. Só a mente livre pode descobrir, só a mente livre pode entrar em contacto com a realidade. Mas a mente que está sempre a procurar, a exigir, a mente que aspira a ser feliz, a tornar-se virtuosa — essa mente nunca estará tranqüila, e não pode, por

conseguinte, entrar em contacto com o que transcende tôda experiência. Afinal de contas, a experiência situa-se no campo do transitório, não é verdade? Quando digo *tive uma experiência,* ponho essa experiência dentro da rêde do tempo. Será a verdade algo que se possa experimentar? Será a verdade algo que se possa repetir? Será a verdade uma coisa da memória, uma coisa da mente? Ou é a verdade algo que transcende a mente, e que fica, portanto, além do estado de experimentar? Quando experimentamos, resta-nos a lembrança dessa experiência; e essa lembrança, que é repetição, por certo não é verdadeira. A verdade existe de momento a momento, e não pode ser experimentada como algo pertencente ao experimentador.

A mente, pois, deve estar livre, para entrar em contacto com a realidade; mas essa liberdade não decorre de disciplina, de rôgo, de prece. A mente pode ser posta tranqüila pelo desejo, por várias formas de compulsão, de esfôrço; mas a mente assim posta tranqüila não é uma mente tranqüila — é apenas uma mente disciplinada, uma mente aprisionada, moldada, controlada. Aquêle que deseja entrar em contacto com a realidade não necessita orar. Pelo contrário, precisa compreender a vida — e a vida é relação. Ser é estar em relação; e sem compreender suas relações com as coisas, com as pessoas, e com as idéias, a mente sem dúvida ficará em conflito, em estado de agitação. Podeis reprimir essa agitação, temporàriamente, — mas essa repressão não é liberdade. A liberdade só vem quando compreendemos a nós mesmos, e só assim é possível entrarmos em contacto com aquilo que não é *projeção* da mente.

PERGUNTA: O indivíduo é resultado da sociedade, ou instrumento da sociedade?

KRISHNAMURTI: Eis uma questão importante não é verdade? O mundo está dividido em duas ideologias opostas, por causa desta questão: se o indivíduo é o instrumento da sociedade ou o resultado da sociedade. Os técnicos, os especialistas, as autoridades, de um lado, asseveram que o indivíduo é o resultado da sociedade; e os que estão do outro lado, dizem que êle é o instrumento da sociedade. Ora, não é interessante, para vós e para mim, descobrir por nós mesmos a verdade contida nesta questão, sem dependermos de especialistas, nem de autoridades, sejam da esquerda, sejam da direita? É a verdade, e não a opinião, não o saber, que nos libertará do falso; e importa — não achais? — que cada um de nós descubra a verdade, e não que fique sempre na dependência das palavras ou da opinião alheia.

Mas como descobriremos a verdade contida nessa questão? Para a ela chegar, claro que podemos prescindir da dependência do técnico, do especialista, do guia. Para conhecermos a verdade por nós mesmos, não podemos depender de conhecimentos prévios. Quando dependeis de vosso conhecimento prévio, estais perdido, porque cada autoridade contradiz a outra, cada uma interpreta a história de acôrdo com seu preconceito ou idiossincrasia pessoal. Assim, a primeira evidência é que precisamos libertar-nos das influências externas da instrução, dos especialistas, dos que advogam a política de fôrça, e assim por diante.

Agora, para o descobrimento da verdade contida nesta questão, podeis rejeitar as autoridades externas e depender apenas da vossa própria experiência, do vosso próprio conhecimento, do vosso próprio estudo; mas a

vossa própria experiência vos dará essa verdade? Podeis dizer que não contais com mais coisa alguma para prosseguir; que para julgardes se o indivíduo é o instrumento da sociedade, ou o resultado, o produto da sociedade — para descobrirdes a verdade a êsse respeito, sois obrigado a contar com vossa própria experiência. Ora, o descobrimento da verdade dependerá da experiência? Afinal de contas, que é a vossa experiência? É o resultado de um acúmulo de crenças, influências, lembranças, condições, etc. É o passado — a experiência é, o conhecimento acumulado no passado; e com o passado quereis encontrar a verdade contida nesta questão. Podeis, então, contar com a vossa experiência? Se não, porque meio ireis julgar?

Espero que esteja expondo o problema com clareza. Para perceberdes, para encontrardes a verdade contida nesta questão, precisais saber o que é vossa experiência? Que é vossa experiência? Vossa experiência é a reação do vosso condicionamento; e o vosso condicionamento é o resultado da sociedade que vos rodeia. Assim, estais procurando a verdade contida nesta questão, de acôrdo com o vosso condicionamento, não é certo? Ser-vos-ia grato pensar que sois apenas o resultado da sociedade — é mais fácil e, portanto, mais agradável; mas pensais, com efeito, que sois espiritual, que sois Deus encarnado, a manifestação de algo final, etc. — sendo que tudo isso não passa de resultado das influências condicionadoras da vossa sociedade, da vossa religião. Assim, julgareis em conformidade com tudo isso. Mas será essa a medida exata da verdade? A medida da verdade dependerá da experiência? A experiência não constitui uma barreira à compreensão da verdade? Na atualidade sois ao mesmo tempo o produto e o instrumento da sociedade, não é certo? Tôda a educação está condicionando a criança para êsse

resultado. Se considerardes a questão objetivamente, vereis que sois o produto da sociedade — sois francês, inglês, hindu, credes nisso ou naquilo. E sois também o instrumento da sociedade. Quando a sociedade diz: *Ide para a guerra!*, marchais todos para a guerra; quando a sociedade diz: *Pertencei a esta religião,* vós repetis a fórmula, as frases, o dogma. Sois a um tempo o instrumento da sociedade e o produto da sociedade — o que é um fato evidente. Quer vos agrade, quer não, êsse é o fato.

Agora, para descobrir o que está além, para descobrir se há mais qualquer coisa na vida do que ser meramente moldado *pela* sociedade, *para* a sociedade — para achar a verdade a êsse respeito, tôdas as influências precisam terminar, precisa cessar tôda experiência, que é a medida. Para se descobrir a verdade, não deve existir medida alguma, porque a medida é o resultado de vosso condicionamento; e o que é condicionado só é capaz de perceber sua própria *projeção* e, portanto, nunca pode perceber o que é real. Descobri por vós mesmo a verdade contida nesta questão, porque só a verdade vos libertará; e sereis então um verdadeiro revolucionário, e não um mero repetidor de palavras.

PERGUNTA: Porque falais da tranqüilidade da mente, e que é essa tranqüilidade?

KRISHNAMURTI: Não é necessário, se desejamos compreender qualquer coisa, que a mente esteja quieta? Se temos um problema, nós nos preocupamos com êle, não é verdade? Examinamo-lo, analisamo-lo, decompomo-lo, na esperança de compreendê-lo. Ora pode-se compreender por meio de esfôrço, por meio de análise, por meio de comparação, por meio de qualquer espécie de luta mental? A compreensão, sem dúvida, só

surge quando a mente está muito tranqüila. Não sei se já o experimentastes; mas, se experimentardes, podeis fàcilmente verificá-lo por vós mesmo. Dizemos que quanto mais lutarmos com o problema da fome, da guerra, ou qualquer outro problema humano, quanto mais entrarmos em conflito com êle, tanto melhor o compreenderemos. Será isso verdade? Sempre houve guerras, sempre houve conflito entre indivíduos; a guerra, interior e exterior, está sempre presente. Resolvemos esta guerra, êste conflito, por meio de mais conflito, de mais luta, de esfôrço hábil? Ou só compreendemos o problema quando estamos frente a frente com êle, diretamente, quando estamos diante do fato? E só podemos encarar o fato de frente quando não há agitação alguma, entre a mente e o fato. Não é, portanto, importante, se desejamos compreender, que nossa mente esteja quieta?

Mas, perguntareis, invariàvelmente: "Como podemos pôr a mente tranqüila?". — Tal é a vossa reação imediata, não é verdade? Dizeis "minha mente está agitada, e como posso conservá-la tranqüila?" Ora, pode qualquer sistema pôr a mente tranqüila? Pode uma fórmula, uma disciplina aquietar a mente? Pode; mas quando a mente é *posta* tranqüila, isso é quietude, isso é tranqüilidade? Ou está a mente apenas encerrada dentro de uma idéia, de uma fórmula, de uma frase? Mas a mente nessas condições está morta, não é verdade? É por isso que a maioria das pessoas que aspiram à espiritualidade — supostamente espirituais — estão mortas; porque, tendo exercitado a mente para ficar tranqüila, elas se fecharam dentro de uma fórmula de *estar quieto*. Evidentemente, a mente em tais condições não está quieta; está apenas reprimida, abafada.

Ora, a mente está quieta, ao perceber a verdade de

que a compreensão só vem quando ela está quieta; que, se eu desejo compreender-vos, preciso estar tranqüilo, não posso ter reações contra vós, não devo ter preconceitos, devo pôr de parte tôdas as minhas conclusões, tôda a minha experiência, e olhar-vos de frente. Só então, com a mente livre do meu condicionamento, posso compreender. Quando percebo a verdade disso, minha mente está quieta — não interessando mais a questão de como *fazer* a mente ficar quieta. Só a verdade pode libertar a mente da própria ideação; e, para perceber a verdade, a mente tem de compreender que, enquanto estiver agitada, não terá compreensão. Assim, a quietude da mente, a tranqüilidade da mente não é coisa que se possa produzir pela fôrça de vontade, por alguma ação ou desejo; se é assim produzida, então essa mente está fechada, isolada, é uma mente morta e, portanto, incapaz de adaptabilidade, flexibilidade, ou agilidade. Essa mente não é criadora.

O que interessa, pois, não é como fazer a mente ficar quieta, mais, sim, perceber a verdade de cada problema que se nos apresenta. É como a lagoa que fica tranqüila depois que cessa o vento. Nossa mente está agitada, porque temos problemas; e para evitar os problemas, fazemos a mente ficar tranqüila. Ora, a mente *projetou* êsses problemas, pois não existem problemas separados dela; e enquanto a mente *projetar* qualquer concepção sensitiva, enquanto praticar qualquer forma de tranqüilidade, nunca estará tranqüila. Mas, quando a mente compreende que só estando quieta encontra a compreensão — ela se torna então muito quieta. Essa quietude não é imposta, não é disciplinada, é uma quietude que não pode ser compreendida pela mente agitada.

Muitos dos que buscam a tranqüilidade da mente retiram-se da vida ativa para uma aldeia, para um mos-

teiro, para as montanhas; ou se refugiam em idéias, fecham-se numa crença, ou evitam as pessoas que lhes causam perturbações. Tal isolamento, porém, não é tranqüilidade da mente. Nem o enclausuramento da mente numa idéia, nem o evitar pessoas que nos tornam a vida complicada, produz a tranqüilidade mental. A tranqüilidade da mente só vem quando não há processo de isolamento pela acumulação, mas completa compreensão de todo o processo das relações. A acumulação torna a mente velha; e só quando a mente está nova, livre do processo de acumulação — é que existe a possibilidade de se tê-la tranqüila. Tal m e n t e não está morta, está sobremodo ativa. A mente tranqüila é a mais ativa; todavia, se experimentardes isso, se o examinardes a fundo, vereis que naquela tranqüilidade não há *projeção* do pensamento. O pensamento, em todos os níveis, é sem dúvida a reação da memória; e o pensamento nunca pode achar-se em estado de criação. Pode expressar criação, mas o pensamento em si nunca é criador. Já quando há silêncio, quando reina aquela tranqüilidade da mente que não é um resultado, vê-se então que, em tal quietude, existe atividade extraordinária, uma ação extraordinária que a mente agitada pelo pensamento nunca pode conhecer. Naquela tranqüilidade, não há formulação, não há idéia, não há memória; e a tranqüilidade é um estado de criação que só pode ser experimentado quando há completa compreensão do processo integral do *eu*. De outro modo, a tranqüilidade nenhuma significação tem. Só nessa tranqüilidade, que não é um resultado, descobre-se o eterno, que transcende o tempo.

23-4-1950.

IV

O problema do esfôrço, da luta, da disputa para se alcançar algo, deveria ser compreendido integralmente; porque a mim me parece que quanto mais nos esforçamos, quanto mais lutamos por tornar-nos alguma coisa, tanto maior será a complexidade do problema. Nunca examinamos deveras esta questão da luta pela consecução de alguma coisa. Despendemos grandes esforços, espirituais, físicos, em todos os setores da vida; tôda a nossa existência, positiva ou negativamente, é um processo de esfôrço constante — esfôrço para nos tornarmos alguma coisa ou para evitarmos alguma coisa. Tôda a nossa estrutura social, bem como a nossa existência religiosa e filosófica, está baseada no lutar por conseguir um resultado ou por evitar uma conseqüência.

Ora, compreendemos o que quer que seja pela luta, pelo esfôrço, pelo conflito? Há qualquer possibilidade de ajustamento, de flexibilidade, através do conflito, da luta? O esfôrço que fazemos pràticamente a tôdas as horas, consciente e inconsciente, — será esfôrço de fato essencial? Sei, porque é evidente, que a atual estrutura da sociedade está baseada na luta, no esfôrço, no alcançar bom êxito ou no evitar algum resultado que não desejamos. É uma constante batalha psicológica. Pelo esfôrço psicológico, pela tentativa de nos tornarmos algo, podemos chegar a compreender? Creio ser êste um problema que deveríamos encarar, de fato, e examinar com certa profundidade. Talvez não seja possível, nesta ma-

nhã, entrar em pormenores; mas pode-se ver com tôda a clareza que existe esfôrço de tôda espécie, e que o esfôrço de ajustamento, na vida de relação, é o esfôrço mais importante que envidamos. Existe esfôrço, existe conflito, na vida de relação: estamos sempre procurando ajustar-nos a uma diferente categoria de sociedade, ou a uma idéia; e êsse constante lutar conduz realmente a alguma coisa?

Pois bem; o lutar cria, em nossa consciência, um centro em tôrno do qual construímos tôda a estrutura do *eu* e do *meu* — minha posição, minha realização, minha vontade, meu sucesso; e, enquanto existir o *eu*, não existe, por certo, possibilidade alguma de compreendermos de fato o processo total de nós mesmos. Será possível viver uma vida sem luta, sem conflito, sem o centro do *eu?* Sem dúvida, tal maneira de viver não é mero sistema oriental de fuga — chamá-la assim seria realmente absurdo, seria apenas contornar a questão. Ao contrário disso, vejamos se é possível viver no mundo e edificar uma nova sociedade, se todo êsse processo de obter sucesso, de tornar-se virtuoso, de conseguir ou evitar algo, pode ser de todo abandonado. E não é importante abandonar esta constante luta em busca de algo, se de fato desejamos compreender o que é viver? Afinal de contas, podemos apreender o significado de alguma coisa por mëio de esfôrço, de luta, de conflito com essa coisa? Ou só a compreendemos quando temos a capacidade de examiná-la diretamente, sem essa batalha, sem êsse conflito entre o observador e o objeto observado?

Podemos ver, pela experiência de cada dia, que se de fato desejamos compreender alguma coisa, há necessidade de um certo grau de quietude, uma certa tranqüilidade não imposta, não disciplinada ou controlada,

mas uma espontânea tranqüilidade, na qual se possa perceber o significado de qualquer problema. Afinal de contas, quando temos um problema, lutamos com êle, analisamo-lo, dissecamo-lo, decompomo-lo, tentando descobrir a maneira de resolvê-lo. Ora, que acontece quando desistimos de lutar com êle? Nesse sereno estado de tranqüilidade, livre de tensão, o problema aparece sob um aspecto diferente — compreendemo-lo com maior clareza. Do mesmo modo, não é possível viver naquele estado de vigilância, que produz a tranqüilidade e no qual, tão-sòmente, pode haver a compreensão?

Sem dúvida, nosso condicionamento — social, econômico, religioso, etc. — está todo êle baseado no culto do sucesso. Todos desejamos ser bem sucedidos; todos desejamos alcançar um resultado. Se falhamos neste mundo, esperamos ter bom êxito no outro. Se não somos muito bem sucedidos polìticamente, econômicamente, desejamos ser bem sucedidos espiritualmente. Adoramos o sucesso. E para nos tornarmos bem sucedidos, tem de haver esfôrço, o que significa constante conflito, interior e exterior. Por certo, nunca é possível compreender alguma coisa pelo conflito. A natureza mesma do *eu* não é um proceso de conflito, um processo de vir a ser algo? E não é necessário compreender êsse *eu*, que é o campo do conflito, a fim de pensar e sentir diretamente? E pode-se compreender tôda a estrutura de nós mesmos, sem o conflito que há em tentar alterar o que *é*? Em outras palavras, podemos observar, considerar o que somos, essencialmente, fatualmente, sem procurar alterá-lo? Sem dúvida, só quando somos capazes de encarar o fato tal como é, podemos ocupar-nos com êle, mas, enquanto estivermos a lutar com a fato, a tentar alterá-lo, a transformá-lo noutra coisa, somos incapazes de compreender o que *é*. Só

depois de compreendermos o que *é*, podemos transcendê-lo.

Assim, para compreender a estrutura de mim mesmo, que é o problema central de tôda a existência, é essencial que eu esteja cônscio de todo o processo do *eu* — o *eu* que procura o bom êxito, o *eu* que é cruel, o *eu* que é aquisitivo, o *eu* que separa tôda ação, todo pensamento, como *meu*. Para compreenderdes êsse *eu*, não *vos* cabe encará-lo tal como êle é, *fatualmente*, sem lutar, sem procurar alterá-lo? Sem dúvida, só então é possível passar além. Por conseguinte, o autoconhecimento é o comêço da sabedoria. A sabedoria não se compra nos livros; a sabedoria não é experiência; a sabedoria não é a acumulação de nenhuma espécie de virtude, nem o evitar o mal. A sabedoria só vem pelo autoconhecimento, pela compreensão de tôda a estrutura, de todo o processo do *eu*.

Para que o *eu* seja compreendido com clareza, êle precisa ser visto, experimentado, na vida de relação. É só no espelho da vida de relação que descubro o processo total de mim mesmo, tanto o consciente como o inconsciente; por certo, todo esfôrço para transformá-lo é um processo de esquivança, um processo de resistência, que impede a compreensão. Assim sendo, se uma pessoa está realmente interessada, e não apenas vivendo no nível verbal, tem de compreender êsse processo do *eu* — não teòricamente, não de acôrdo com qualquer filosofia ou doutrina, mas, efetivamente, na vida de relação: e êsse processo só pode ser descoberto e compreendido em sua totalidade quando não há esfôrço para modificá-lo ou alterá-lo. Isto é, a compreensão só pode vir quando há observação sem escolha.

Parece-me que a maioria de nós não percebe que os problemas do mundo não são algo que está separado de

nós. Os problemas do mundo existem por vossa causa e por minha causa; os problemas do mundo são nossos problemas, porque o mundo não é diferente de vós e de mim. E se uma pessoa deseja de fato, com seriedade, compreender todo o problema da existência, é necessário, sem dúvida, que comece consigo mesma — mas não no isolamento, não como uma individualidade oposta à massa, ou se afastando da sociedade. O problema da massa é o problema do *eu;* e é essencial, se desejamos compreender o mundo e criar uma nova estrutura social, que compreendamos a nós mesmos. Não me parece que percebemos deveras a capacidade que cada um tem para se transformar. Recorremos aos guias, aos instrutores, aos salvadores; mas, quer-me parecer que êstes não transformarão o mundo, não criarão uma nova ordem mundial. Nenhum instrutor é capaz disso, mas nós o somos, vós e eu, se compreendemos a nós mesmos; entretanto, creio que não perecebemos o imenso significado de tudo isso. Pensamos que como indivíduos somos tão pequenos, tão insignificantes, tão ordinários, que não podemos fazer coisa alguma neste mundo. Ora, as grandes coisas são iniciadas em pequena escala. A revolução fundamental se realiza não exteriormente, porém interiormente, psicològicamente; e essa revolução fundamental, essa revolução duradoura, só sobrevirá quando vós e eu compreendermos a nós mesmos.

Assim, essa compreensão de si mesmo não significa que devamos retirar-nos da vida, ingressando num mosteiro, ou recolhendo-nos em alguma espécie de meditação religiosa. Pelo contrário, compreender a nós mesmos é compreender as nossas relações com as coisas, com as pessoas, e com as idéias. Sem relações, não existimos; só existimos em relação; *ser* é estar em relação. As nossas relações são com a propriedade, com pessoas, com

idéias; e, enquanto não compreendermos o processo total do *eu*, na vida de relação, criaremos inevitàvelmente conflito interior, o qual se projeta no exterior, causando desgraças no mundo. É essencial, pois, que o indivíduo compreenda a si mesmo; e a compreensão de si mesmo não se obtém por meio de um livro, por meio de uma filosofia. Essa compreensão só pode dar-se de momento em momento, em tôdas as nossas relações diárias. O estado de relação é a vida; e, sem compreensão de nossas relações, nossa vida é conflito, é uma luta constante para transformar o que "é" naquilo que desejamos. Se não compreendemos o *eu* e queremos transformar ou reformar o mundo exterior, apenas, encontraremos mais sofrimento, mais conflito, e mais destruição.

Fizeram-me algumas perguntas, a que passo a responder. Antes disso, porém, seja-me permitido dizer que, se bem que é fácil fazer perguntas, é sobremodo difícil aprofundar uma questão e descobrir por si mesmo a solução. A maioria de nós, quando faz uma pergunta, espera uma resposta; mas a vida não está constituída de perguntas e respostas. Ela é o verdadeiro; e, quando uma pessoa faz uma pergunta, deve aprofundá-la, ir até o fim, e achar a resposta verdadeira. Assim, ao considerarmos essas perguntas, espero que vós e eu procuremos encontrar a verdade contida em cada questão, não permanecendo apenas no nível verbal.

PERGUNTA: Porque tememos a morte? E como se pode subjugar êsse temor?

KRISHNAMURTI: O temor não é uma abstração; só existe em relação com alguma coisa. Ora, que há na morte, que tememos? O que tememos é não ser, não continuar — esta é, por certo, a coisa primordial. Temos mêdo de não ter continuidade — não é certo? — o que,

bàsicamente, significa que temos mêdo porque não conhecemos o futuro, o desconhecido. Se temos uma garantia de continuidade, isto é, se podemos conhecer o futuro, se podemos conhecer o desconhecido, não há então temor.

Ora, pode-se conhecer o desconhecido — aquilo que está além de tôdas as concepções, de tôdas as "projeções" da mente? Podemos conhecer as "projeções" da mente; mas isso não é o desconhecido. Podemos coibir as "projeções" e tentar explorar o desconhecido; mas isso continua a ser uma forma de "projeção". Assim, enquanto estivermos tentando descobrir, intelectualmente, verbalmente, por meio do desejo, como se conquista o desconhecido, por certo haverá temor. Temos mêdo, essencialmente, por causa do futuro, do desconhecido; e se outra pessoa nos pode garantir, nos pode assegurar que existe continuidade, cessa o nosso temor. Mas traz a continuidade, sob qualquer forma, a compreensão do desconhecido? Pode a continuidade dar-nos a capacidade criadora, ou o sentimento criador? Positivamente, quando há continuidade, não existe findar, e só no findar, só no morrer, há criação, há o *novo*. Não desejamos morrer e, por essa razão, tornamos a vida um processo de continuidade; mas é só na morte que se pode conhecer o viver.

Nosso problema, portanto, é o seguinte: Pode a mente conceber, formular, o desconhecido? Não é a mente o resultado do passado, do tempo? Não é ela uma mera acumulação de experiências, de conhecimento, e portanto um reservatório do tempo, do passado? Pode, então, a mente, que é o resultado do tempo, conhecer o atemporal, aquilo que transcende o tempo? Não pode, é claro. O que a mente projeta está sempre dentro do campo do tempo; e haverá temor enquanto a mente estiver "projetando" a si mesma, ou tentando compreender o futuro, o desconhecido. Só se extinguirá o temor quando eu perceber

esta verdade: que a continuidade significa "projeção" de mim mesmo — que sou conflito, que sou como um pêndulo que oscila sempre entre o prazer e a dor. Enquanto houver uma continuidade do *eu*, haverá sofrimento, haverá temor; e a mente, que é o centro do *eu*, jamais encontrará aquilo que está fora do campo do tempo.

Nossa dificuldade — não é verdade? — consiste em que de fato não sabemos viver. Não tendo compreendido a vida, pensamos que precisamos compreender a morte; mas, se pudermos compreender o processo do viver, não haverá temor à morte. É porque não sabemos viver que tememos a morte. Considerai quantos livros se escreveram sôbre a morte, quanto esfôrço se tem feito para compreender o além! Sem dúvida só existe o temor do além quando não sabemos viver no presente, quando não compreendo o inteiro significado da vida.

Nossa vida é um processo de luta, de dor e prazer, um movimento constante de uma coisa para outra, do conhecido para o conhecido; é uma batalha de ajustamento, uma batalha pela consecução de resultados, uma batalha de transformação. Tal é nossa vida, tôda ela com uns raros raios de luz. E como não compreendemos a vida, tememos a morte. Ora, é necessário que a vida seja uma batalha, uma luta, um constante vir a ser? Ou existe possibilidade de nos libertarmos dêsse vir a ser, de modo que vivamos sem conflito? Isso significa morrer cada dia, morrer para tôdas as coisas que temos acumulado, tôdas as coisas que temos guardado como experiência, como conhecimento. Nisso existe... uma qualidade de *novo*, porque a vida já não é um movimento do conhecido para o conhecido, mas um estado em que estamos libertos do conhecido, para irmos ao encontro do desconhecido. Só aí existe a possibilidade de ficarmos livres do temor da morte.

PERGUNTA: Que é processo da experiência? É diferente da consciência?

KRISHNAMURTI: Vejamos em primeiro lugar o que é experiência. Experiência é a reação a um estímulo, e o reconhecimento dessa reação, não é verdade? Estímulo reação, e o reconhecimento da reação — isso é experiência, não é? Se vós não reagis a um desafio, a um estímulo, ou se não reconheceis essa reação, existe experiência? A experiência, pois, é, por certo, o reconhecimento da reação a um estímulo — sendo que o reconhecimento consiste em dar nome, em designar por um têrmo, em atribuir o valor adequado. Isto é, a experiência é a reação a um desafio, a um estímulo, e o reconhecimento dessa reação, em que se lhe dá um nome, verbal ou simbólico, consciente ou inconscientemente. Sem o processo de reconhecimento, não há experiência.

Assim, êsse processo de reação a um estímulo e de reconhecimento da reação, é, sem dúvida, experiência. E isso é diferente da consciência individual? Enquanto a reação ao desafio é adequada, completa, não há evidentemente atrito, não há conflito entre a reação e o desafio. Assim sendo, a consciência individual vem à existência só quando existe conflito entre o estímulo e a reação. Podeis verificar isso por vós mesmo, é muito simples; e vereis que não é uma questão de crer ou de rejeitar, mas apenas de experimentar e de perceber, de ver o que de fato acontece.

Quando não há conflito, nem batalha, nem luta, há consciência individual? Tendes consciência quando sois feliz? No momento em que ficais consciente de que sois feliz, desaparece a felicidade, não é certo? E o desejo de alguma coisa, o desejo de felicidade, é o conflito que concorre para o aparecimento da consciência individual.

Quando há conflito, quando há perturbação, há reconhecimento; e o próprio reconhecimento é o processo de autoconsciência.

Assim, a experiência, que é o reconhecimento da reação ao estímulo, é o começo da consciência individual. Não existe diferença, pois, entre o experimentar, que é reconhecer, e a autoconsciência. Para se compreender isso, não há decerto necessidade alguma de se lerem livros que tratam da consciência, ou de estudar muito profundamente, ou de escutar o que os outros dizem. Isso pode ser descoberto pela observação real do processo total da própria experiência, da própria consciência. É exatamente o que estamos tentando agora. Não estou propondo uma nova filosofia – espero que não – nem vos estou impingindo alguma coisa. O que estamos tentando fazer é apenas perceber o que é consciência. Sem dúvida, consciência é experiência, depois o dar nome à experiência, chamando-a boa ou má, agradável ou desagradável, e o desejo de ter mais, ou menos, dessa experiência; e o próprio dar nome, o próprio designar por um têrmo, dá-lhe f ô r ç a, dá-lhe permanência. A consciência, pois, é um processo de experimentar, de dar nome ou designação, e de guardar como memória, como lembrança. Êsse processo, no seu todo, é consciente ou inconsciente; e, enquanto aplicarmos um nome, um têrmo à experiência, ela tem de tornar-se permanente, tem de fixar-se na mente, tem de ser colhida na rêde do tempo. Êsse processo, na sua totalidade, constitue a consciência, quer no nível verbal, quer a grande profundidade, oculta.

Ora, enquanto dermos um nome, um têrmo, um símbolo a qualquer experiência, essa experiência nunca pode ser *o novo;* porque, no instante em que reconhecemos uma experiência, ela já é velha. Quando há uma ex-

periência e a atribuição de um nome à mesma, isto é simplesmente o processo de registrar, de lembrar. Isto é, tôda reação, tôda experiência, é traduzida pela mente e guardada na mente, como memória; e com essa memória vamos ao encontro do *novo,* que é o estímulo. Quando vamos ao encontro do novo com *o velho,* transformamos o novo no velho — e por isso não há, em absoluto, compreensão do novo.

A compreensão do novo só é possível quando a mente é capaz de não lhe dar nome; só então a experiência pode ser compreendida plenamente, completamente, e ser transcendida, de modo que cada reação a cada estímulo tenha uma nova qualidade e não seja apenas reconhecida e lançada no registro. Só há possibilidade de estarmos livres da consciência individual, do *eu,* se compreendemos todo êsse processo de experimentar, dar nome e registrar. Só quando se extingue êsse processo, que é o processo do *eu* e do *meu,* existe a possibilidade de passarmos além e de descobrir coisas que não são da mente.

PERGUNTA: É-me impossível conceber um amor que não seja sentido nem pensado. Provàvelmente empregais a palavra "amor" para designar outra coisa qualquer. Não é exato?

KRISHNAMURTI: Quando dizemos "amor", que entendemos? Pràticamente, não teòricamente, que entendemos? Um processo de sensação e de pensamento, não é verdade? É o que entendemos por amor: um processo de pensamento, um processo de sensação.

Ora, o pensamento é amor? Quando penso em vós, é amor isso? Ou, quando digo que o amor deve ser impessoal, universal — é amor isso? Sem dúvida, o pensa-

mento é o resultado de um sentimento, de uma sensação; e enquanto o amor fôr mantido dentro do campo da sensação e do pensamento, tem de haver, evidentemente, conflito nesse processo. E não nos cumpre descobrir se existe alguma coisa além do campo do pensamento? É o que estamos tentando. Sabemos o que é "amor", no sentido comum — um processo de pensamento e de sensação. Se não pensamos numa pessoa, achamos que não a amamos; se não sentimos, pensamos que não há amor. Mas isso é tudo? Ou o amor é algo que está além? E para o descobrir, não deve o pensamento, como sensação, desaparecer? Afinal de contas, quando amamos outras pessoas, pensamos nelas, temos retratos delas. Isto é, o que chamamos amor é um processo de pensamento, uma sensação, e isso é memória: memória do que fizemos ou deixamos de fazer, a êle ou a ela. Assim, a memória, que é o resultado da sensação, que se torna pensamento verbalizado, é o que chamamos amor. E mesmo quando dizemos que o amor é impessoal, cósmico, ou como quiserdes, êle continua a ser um processo de pensamento.

Ora, será o amor um processo de pensamento? Pode-se pensar no amor? Podemos pensar na pessoa, ou ter lembranças relativas à pessoa; mas, é amor isso? O amor, positivamente, é uma chama sem fumaça. É só a fumaça que conhecemos bem, — a fumaça do ciúme, da ira, da dependência, do chamá-lo pessoal ou impessoal, a fumaça do apêgo. Não temos a chama, mas estamos perfeitamente familiarizados com a fumaça; e aquela chama, só a podemos ter quando não houver mais a fumaça. Por conseguinte, não nos preocupa o que seja o amor — se é algo que transcende a mente, que transcende a sensação; o que nos interessa é livrarmo-nos da fumaça: a fumaça do ciúme, da inveja, a fumaça da separação, do

sofrimento, da dor. Só quando não existir mais fumaça, chegaremos a conhecer, a experimentar aquilo que é a chama. E a chama não é nem pessoal nem impessoal, nem universal nem particular — é apenas uma chama; e só existe a realidade daquela chama quando a mente, quando todo o processo do pensamento foi compreendido. Só há, pois, amor quando a fumaça do conflito, da competição, da luta, da inveja, se extingue; porque tal processo gera a oposição, na qual existe o temor. Enquanto há temor, não há comunhão, pois não é possível uma pessoa comungar com outra através daquela cortina de fumaça.

Está claro que o amor só é possível sem a fumaça; e como conhecemos bem a fumaça, examinemo-la completamente, compreendamo-la inteiramente, para dela ficarmos livres. Só então conheceremos aquela chama, que não é nem pessoal, nem impessoal, que não tem nome algum. Ao que é novo não se pode dar nome. A questão não é saber o que seja o amor, mas quais são as coisas que estão impedindo a existência daquela chama em tôda a sua plenitude. Não sabemos amar — só sabemos pensar no amor. No próprio processo de pensar, nós criamos a fumaça do *eu* e do *meu* — e a isso nos atemos. Só quando somos capazes de nos livrarmos do processo de pensar no amor, e de tôdas as complicações dêle decorrentes, — só então existe a possibilidade de se possuir aquela chama.

PERGUNTA: Que é bem, e que é mal?

KRISHNAMURTI: — Como já disse, é fácil fazer uma pergunta, mas é muito difícil penetrar nela profundamente. Tentemo-lo, todavia.

Porque pensamos sempre em têrmos de dualidade, em têrmos do oposto? Porque somos tão condicionados pelo pensamento de que há o bem e de que há o mal?

Porque essa divisão, porque êsse processo dual a operar sempre dentro de nós? Decerto, se pudermos compreender o processo do desejo, compreenderemos êste problema, não é verdade? A divisão de bem e mal é uma contradição que existe em nós. Somos apegados ao bem, porque é mais agradável; e estamos condicionados para evitar o mal porque é doloroso. Ora, se pudermos compreender o processo do desejo, que torna a vida uma contradição, talvez sejamos capazes de ficar livres do conflito dos opostos.

O problema, portanto, consiste não em saber o que é o bem e o que é o mal, mas em saber porque existe esta contradição na vida diária. Desejo alguma coisa, e nesse próprio desejo está o oposto. Ora, o bem é a fuga do mal? A beleza é a fuga do feio? Quando evito uma coisa, não crio necessàriamente uma resistência e ela, e portanto o seu oposto? Existe uma linha de demarcação clara entre o bem e o mal? Ou será que, quando eu compreender o processo do desejo, talvez venha a saber o que é a virtude? Porque o homem que se esforça por *se tornar* virtuoso não pode, òbviamente, em tempo algum, *ser* virtuoso. O homem que se esforça por se tornar bondoso, amável, tolerante, nunca pode ser virtuoso; está apenas tentando conseguir algo, e a virtude não é um processo de consecução. Evitar o mal é um processo de consecução; mas, se posso compreender o desejo que cria a dualidade, que cria o conflito dos opostos, saberei então o que é a virtude.

A virtude não é o esfôrço para extinguir o desejo, porém a compreensão do desejo. O esfôrço para extinguir o desejo é apenas uma outra forma de desejo. No próprio desejo de extinguir o desejo, crio o oposto; e, por conseguinte, perpetuo o conflito, a batalha entre o ideal e o que *sou*. Assim, o homem que persegue um ideal só cria

conflito, e o homem empenhado em tornar-se virtuoso nunca conhecerá a virtude — está apenas envolvido na batalha dos opostos. Êsse conflito entre êle próprio e aquilo que pensa que êle deveria ser dá-lhe um sentimento de viver; mas o homem de ideais é, na realidade, um homem que foge.

Ora bem, se podemos compreender o que é a virtude, o que significa que compreendemos o desejo, estamos libertados dos opostos; e só nos é possível compreender o desejo quando o observamos com objetividade, quando o vemos tal como êle é, sem nenhum critério de comparação, sem condenação, sem resistência. Só então há libertação do desejo. Enquanto condenarmos o desejo, haverá o conflito dos opostos do bem e do mal, do que tem importância e do que não tem importância; enquanto resistirmos ao desejo, haverá o conflito da dualidade. Mas, se observamos o desejo tal como é, sem nenhum critério de comparação, condenação, ou justificação, veremos então que o desejo se extinguirá.

Por conseguinte, o comêço da virtude é a compreensão do desejo. Manter-se no conflito dos opostos só significa fortalecer o desejo; e a maioria de nós não deseja entender o desejo em sua totalidade, gostamos do conflito dos opostos. Ao conflito dos opostos chamamos virtude, espiritualização, mas isso não passa de outra maneira de reforçar a continuidade do *eu;* e na continuidade do *eu,* não pode haver virtude. Só não existe temor quando há liberdade, e o temor cessa com a compreensão do desejo.

Há mais uma pergunta. Quereis que responda à mesma, ou não?

Auditório: Sim, sim.

PERGUNTA: Dizeis que, se sou criador, todos os problemas serão resolvidos. Como posso modificar-me para ser criador?

KRISHNAMURTI: Esta pergunta é tão importante como a primeira. Espero que não estejais fatigados demais para entrarmos nela tão profundamente quanto possível nuns poucos minutos.

Vemos que quando tentamos resolver um problema criamos muitos outros problemas — isso é um fato evidente. Quando tentamos resolver o problema econômico, surge-nos uma multidão de outros problemas, não apenas exteriores, mas também interiores. Quando tenho um problema, procuro resolvê-lo; e na própria solução do mesmo, encontro outros problemas para resolver. Isto é, pois, o que sabemos a respeito de um problema: que nunca fica resolvido em definitivo, mas, ao contrário, cresce sem cessar.

Ora, se assim é, como é possível atacarmos o problema do viver, ou qualquer outro problema, sem o multiplicarmos? Isto é, há possibilidade de considerar o problema por maneira nova? Sem dúvida, esta é a questão — não achais? Se sou capaz de considerar qualquer problema por maneira nova, o que significa considerá-lo criadoramente, então, talvez eu não só resolva tal problema, mas também não introduza muitos outros problemas. Mas, como é possível ser criador? Quais são as coisas que estão impedindo êsse espírito de criação, êsse espírito de originalidade? Creio que esta é a questão mais interessante: como é possivel considerarmos tôdas as coisas de maneira nova, com uma mente nova, uma mente não carregada de experiência, de conhecimentos, de imitação?

Que nos está impedindo de ser criadores? Evidentemente, é a técnica. Todos sabemos o que fazer; temos os meios necessários. Tôda nossa educação consiste em aprender uma técnica — o que significa um processo de imitação, um processo de cópia. Afinal de contas, o conhecimento é imitação, é cópia; e não é esta uma das principais cargas que nos estão impedindo de ir ao encontro das coisas por maneira nova? A autoridade de qualquer espécie, espiritual ou mundana, exterior ou interior, não constitui um empecilho à compreensão criadora? E porque temos autoridades? Porque, sem uma autoridade, julgamo-nos perdidos. Precisamos de uma âncora. Assim, no desejo de segurança, interior e exterior, criamos a autoridade; e essa própria autoridade, que evidentemente implica imitação, destrói a fôrça criadora, a originalidade.

A verdade, Deus, êsse estado de criação é algo que nos pode vir pela imitação, pela cópia, pela autoridade, pela compulsão? Não devemos estar livres da autoridade, livres do espírito de imitação, de cópia? Direis: "Não; precisamos começar com a autoridade, para sermos livres; precisamos começar pela imitação, pela compulsão, para alcançarmos, no fim, a liberdade". Se adotais o meio errôneo, podeis alcançar o fim correto? Se o fim é a liberdade, o comêço não deve também ser livre? Porque, se empregais um meio errôneo, o fim, por certo, será igualmente errôneo; e se não tendes liberdade no comêço, não tereis liberdade no fim. Se no comêço a vossa mente está controlada, disciplinada, moldada de acôrdo com a autoridade, ela estará, evidentemente, ainda encerrada numa moldura, no fim; e a mente em tais condições, é claro, nunca pode achar-se em estado de criação. Assim, o comêço é o fim; e o fim e os meios são um só.

Com efeito, se desejamos compreender a criação, o comêço tem enorme importância — o que significa compreender tôdas as coisas que obstam à mente e impedem a sua libertação. Só nos vem a liberdade, quando compreendemos o desejo de estar em segurança. É o desejo de estar em segurança que cria a autoridade, que cria a disciplina, o modêlo a ser imitado, a busca do ideal, todo o processo de conformismo. Quanto mais elevado, quanto mais nobre, quanto mais sagrado o ideal, tanto mais espiritual o julgamos; mas êle é sempre um mero padrão; a mente prêsa a um padrão é incapaz de criar. Mas se, percebendo que a mente está prêsa a um padrão, tratamos apenas de rejeitá-lo, como uma reação — isso, òbviamente, não é liberdade. Quando compreendemos porque a mente cria um padrão e a êle se atém, por estar absorvida na técnica, na afeição à ciência, porque se move sempre do conhecido para o conhecido, de segurança para segurança, de imitação para imitação — na compreensão direta de tudo isso, e não apenas na reação contra tudo, encontra-se o estado livre do desejo de segurança e, portanto, do sentimento de temor. Enquanto houver um centro do *eu*, do qual promana a ação e a reação, a rejeição e a aceitação, haverá, evidentemente, um processo de imitação e de cópia. Enquanto formos meros repetidores, enquanto vivermos a ler livros, a citar autoridades, a perseguir ideais, a conformar-nos com uma fórmula ou com um dogma, a conservar uma determinada religião ou aderir a novos cultos, a buscar novos instrutores, na esperança de sermos felizes — enquanto existir tal processo, não pode evidentemente haver liberdade.

A capacidade criadora só nos vem quando a mente está de todo livre da imitação, da experiência, a qual não passa de continuidade do *eu*. A mente é livre quando não existe um centro que experimenta; e êsse centro situado

na mente só desaparece ao ser compreendido o processo total do desejo. Só então existe a tranqüilidade da mente — que não é uma tranqüilidade imposta, uma tranqüilidade disciplinada, ou a tranqüilidade do conformismo, mas aquela tranqüilidade espontânea que vem com a compreensão. E quando a mente está tranqüila, há capacidade criadora, há o estado criador. A tranqüilidade não é um processo de imitação, de conformidade; não se pode pensar na tranqüilidade. A tranqüilidade não vem por meio de nenhuma *projeção* da mente. Só quando o pensamento está silencioso, não apenas no nível superior, mas em todo o campo do consciente, bem como do inconsciente, só quando termina o processo do pensamento, há um sentimento de tranqüilidade, há serenidade. Nesse silêncio há uma criação que não é mera técnica, mas que tem vitalidade própria, sua própria maneira de exprimir-se. Enquanto vivermos preocupados com a expressão, com a técnica, com o saber, com qualquer espécie de inclinação, não pode haver criação, porque aquela criação só vem quando a mente está completamente tranqüila. Aquela tranqüilidade não é um processo de esquivança, não decorre da aprendizagem de uma técnica de meditação. Os que aprendem uma técnica de meditar nunca saberão o que é silêncio, nunca serão criadores — seu estado será um estado de morte e de negação. Só pode haver criação depois de extinto o pensamento — não apenas no nível consciente, mas também naqueles níveis que estão a grande profundidade, ocultos, escondidos. Quando a mente está de todo tranqüila, há então criação.

30 *de abril de* 1950

V

PARECEMOS pensar que, se seguirmos uma determinada corrente filosófica, ou uma crença, ou um sistema de pensamento, estaremos aptos para dissipar a confusão que existe não apenas em nós, mas também em tôrno de nós. Temos inumeráveis crenças, doutrinas e esperanças; e tentando segui-las, tentando ser sinceros com relação aos nossos ideais, esperamos desimpedir o caminho da felicidade, ou o caminho do saber e da compreensão. Existe por certo uma diferença entre a sinceridade e o interêsse. (1) Podemos ser fiéis a uma idéia, a uma esperança, a uma doutrina, a um determinado sistema; mas o mero copiar, o mero seguir de uma idéia, ou o conformar-nos com uma determinada doutrina — e tudo isso pode ser chamado sinceridade — não nos ajudará, decerto, a dissipar a confusão existente em nós e em redor de nós.

Parece-me, pois, que o que se necessita é de interêsse — não o interêsse que consiste simplesmente em seguir uma determinada tendência, um determinado caminho, mas aquêle interêsse que é essencial para a compreensão de nós mesmos. Para compreendermos a nós mesmos, não há necessidade de sistema algum, de idéia alguma. O indivíduo só é sincero em relação a uma coisa, a uma determinada atitude, a uma determinada crença, mas essa sinceridade não pode ajudar-nos; porque podemos

(1) *Earnestness*

ser sinceros e, entretanto, ser confusos, insensatos e ignorantes. A sinceridade é um empecilho, quando significa mero copiar, quando significa o mero seguir de um determinado ideal; mas o interêsse é coisa inteiramente diferente. Estar interessado é essencial — interêsse não em alcançar alguma coisa, mas em compreender o processo de nós mesmos. Na compreensão do processo de nós mesmos, não se necessita de crença, nem de doutrina alguma, nem de filosofia alguma. Pelo contrário, se temos uma filosofia, uma doutrina, ela se tornará um obstáculo à compreensão de nós mesmos.

A compreensão de nós mesmos nada tem que ver com o seguir uma doutrina, uma filosofia, uma fórmula, ou o procurar imitar um determinado ideal. Isso, evidentemente, é o processo do *eu*. E para a compreensão de nossos vários condicionamentos não é necessária a sinceridade — mas é essencial que tenhamos interêsse, o que é coisa de todo diferente. O interêsse não depende de nenhum capricho, êle é o comêço da compreensão de nós mesmos. Porque, se não temos interêsse, se não temos verdadeiro empenho, não podemos ir muito longe. Mas o nosso empenho, o nosso interêsse, é geralmente aplicado a uma determinada idéia, a uma determinada crença ou esperança; e o que tem importância é que compreendamos a nós mesmos. A compreensão de nós mesmos não exige imitação, cópia, aproximação a um ideal. Pelo contrário, precisamos compreender a nós mesmos assim como somos, como quer que sejamos; e para tal requer-se um verdadeiro interêsse, não dependente de nenhum capricho, nem de nenhuma tendência.

Ora, é claro que não podemos resolver nenhum problema humano, quer externo, quer interno, sem compreendermos a nós mesmos; e a compreensão de nós mesmos só é possível quando não condenamos nem justifica-

mos aquilo que percebemos. O perceber sem condenação, sem justificação ou comparação, cada pensamento, cada tendência, cada reação, não requer aproximação a uma idéia. O que se requer é um verdadeiro interêsse, um empenho em examinar profundamente, completamente. Mas a maioria de nós não deseja compreender profundamente, plenamente, problema algum; preferimos fugir do mesmo através de uma idéia, pela aproximação, pela comparação ou condenação — e por essa maneira nunca resolvemos o problema que se nos depara.

Importa, pois, não é verdade? — que, para compreendermos a nós mesmos, estejamos cônscios de cada reação, de cada sentimento, logo que surge; e o percebimento não depende de fórmula alguma, de nenhuma doutrina ou crença — que não passam de simples meios de fuga, por nós mesmos "projetados". Para se compreender cada tendência, cada sentimento de reação, é necessário, por certo, que estejamos cônscios sem escolha; porque, no momento em que escolhemos, pomos em movimento um processo de conflito. Isto é, quando escolhemos, há resistência, e na resistência não existe compreensão. O escolher significa, meramente, fixar a mente num determinado interêsse e resistir a outros interêsses, outras exigências, outros desejos; e essa escolha, naturalmente, não nos ajudará a resolver ou a compreender o processo integral de nós mesmos. Cada um de nós é constituído de numerosas entidades, tanto conscientes como inconscientes; e o escolher uma determinada entidade, um determinado desejo, e cultivá-lo, é, por certo, um empecilho à compreensão de nós mesmos.

Assim, perceber o processo integral de nós mesmos é o começo da sabedoria. A sabedoria não é algo que se possa comprar nos livros, que se possa aprender de outras pessoas, que se possa acumular pela experiência. A

experiência é simples memória; e a acumulação de lembranças ou de conhecimentos não é sabedoria. A sabedoria, sem dúvida, é o experimentar de cada momento, sem condenação nem justificação; é a compreensão completa de cada experiência, de cada reação, de modo que a mente vá ao encontro de cada problema por maneira nova. Afinal de contas, o *eu* é o centro do reconhecimento; e se não compreendemos êsse centro, e nos limitamos a reconhecer cada experiência ou reação e a dar-lhe nome, designação, não significa isso que compreendemos tal reação ou experiência; pelo contrário, quando damos nome a uma experiência, ou quando a reconhecemos, só damos mais fôrça ao *eu* — àquela consciência isolada, que é o centro do reconhecimento. Assim, o mero reconhecimento de cada experiência, de cada reação, não é a compreensão de mim mesmo. A compreensão de nós mesmos só vem quando estamos cônscios do processo do reconhecimento, e quando deixamos um intervalo entre a experiência e o reconhecimento — o que significa um estado mental em que há tranqüilidade.

Positivamente, se desejamos compreender qualquer coisa, qualquer problema, é necessária a tranqüilidade da mente, não achais? Mas a mente não pode ser forçada a ficar quieta; e o silêncio que é cultivado, é mero resistência, mero isolamento. A mente só fica espontâneamente quieta quando percebe a necessidade, a verdade do "estar quieto", e começa, por conseguinte, a compreender o processo do reconhecimento, que é a consciência total do *eu*. Sem compreendermos a nós mesmos, não temos evidentemente base para o pensamento; e sem conhecermos a nós mesmos, o mero conhecimento dos problemas externos, a mera aquisição de conhecimentos externos, só nos conduzirá a maior confusão e maiores misérias. Mas, quanto mais conhecemos a nós mesmos, tanto o nos-

so consciente como o nosso inconsciente, tanto melhor percebemos o processo integral do *eu*, tanto mais aptos ficamos para compreender e resolver os nossos problemas, e criar assim uma sociedade melhor, um mundo diferente. Precisamos, pois, começar por nós mesmos. Direis porventura que o começar por nós mesmos é trabalho insignificante; mas, se desejamos empreender grandes coisas, precisamos começar pelo que está mais perto de nós. O problema do mundo é o nosso problema; e sem compreendermos a nós mesmos, qualquer problema que se nos deparar jamais será resolvido. Assim, o comêço da sabedoria é o auconhecimento; e sem autoconhecimento não podemos resolver nenhum problema humano.

Antes de responder a algumas das perguntas, permiti-me sugerir que, ao escutarmos as respostas, tanto vós como eu *experimentemos* o que se está dizendo. Isto é, empreendamos juntos uma jornada de compreensão dêsses problemas, que vou tentar explanar verbalmente. Mas, por favor, não permaneçais no nível verbal nem tenteis, simplesmente, compreender no nível intelectual — qualquer que seja o significado desta palavra. Porque o intelecto é incapaz de compreender: só pode projetar as suas próprias acumulações. Pode aceitar, negar, ou resistir, e isso constitui o processo de reconhecimento e verbalização; mas o intelecto não pode compreender nenhum problema humano — só pode torná-lo mais confuso, mais cheio de conflito, mais cheio de sofrimento. Se, em vez de procurarmos compreender meramente no nível verbal, transcendermos o intelecto, talvez então sejamos capazes de perceber a verdade destas questões. Transcender o intelecto não significa tornar-se sentimental, emocional, o que representaria o oposto; e no conflito dos opostos não existe compreensão, é claro. Mas, se pudermos perceber que o processo do intelecto, o processo da

mente, só pode acarretar novas argumentações, novos conflitos — se pudermos perceber a verdade dêsse fato, talvez venhamos a descobrir a verdade de cada questão, de cada problema humano que se nos depare.

PERGUNTA: *Além do temor superficial, existe uma angústia profunda, que me foge à compreensão. Parece ser o próprio temor à vida — ou, talvez, à morte. Ou é o imenso vazio da vida?*

KRISHNAMURTI: Parece que a maioria de nós sente isso; a maioria de nós tem um forte sentimento de vazio, um forte sentimento de solidão. Tentamos evitá-lo, tentamos fugir, procuramos segurança, permanência, longe dessa angústia. Ou tentamos ficar livres analisando os vários sonhos, as várias reações. Mas êle está sempre presente, desafiando a nossa compreensão, insusceptível de ser dissolvido tão fàcilmente e tão superficialmente. Os mais de nós estamos conscientes dêsse vazio, dessa solidão, dessa angústia. E, como a tememos, buscamos a segurança, buscamos um sentimento de permanência, nas coisas, na propriedade, nas pessoas, ou nas relações, ou em idéias, crenças, dogmas, no nome, na posição, no poder. Mas pode ser banido êsse vazio, se nos limitamos a fugir de nós mesmos? E esta fuga de nós mesmos não é uma das causas de confusão, sofrimento, misérias, nas nossas relações, e, por conseqüência, no mundo?

Não se trata, pois, de uma questão que se deva afastar como burguesa, ou estúpida, ou que apenas diz respeito àqueles que não estão ativos, socialmente, religiosamente. Precisamos examiná-la muito cuidadosamente e penetrar nela de maneira completa. Como disse, os

mais de nós estamos conscientes dêste vazio, e procuramos dêle fugir. No fugir, estabelecemos certas seguranças; e essas seguranças se tornam sumamentes importantes para nós, porque representam os meios de fuga de nossa solidão, de nosso vazio ou angústia. Vosso refúgio pode ser um Mestre, pode consistir em vos julgardes importantíssimo, pode consistir em dardes todo o vosso amor, tôda a vossa riqueza, jóias, tudo, a vossa espôsa, a vossa família; ou pode consistir em atividades sociais ou filantrópicas. Qualquer forma de fuga dêsse vazio interior se torna sumamente importante, e por isso nos apegamos a ela desesperadamente. Os de mentalidade religiosa agarram-se à sua crença em Deus, que encobre o seu vazio, a sua angústia, e assim a sua crença, o seu dogma, se torna essencial — e por êles estão prontos a lutar, a destruir uns aos outros.

É óbvio, portanto, que qualquer fuga dessa angústia, dêsse vazio, não resolverá o problema. Pelo contrário, só faz é aumentar o problema, e produzir maior confusão. Assim, cabe ao indivíduo, em primeiro lugar, compreender as fugas. Tôdas as fugas se encontram no mesmo nível; não há fugas superiores ou fugas inferiores; não há fugas espirituais, separadas das fugas mundanas. Tôdas as fugas são essencialmente análogas; e se reconhecermos que a mente está sempre fugindo do problema central da angústia, do vazio, somos então capazes de considerar o vazio sem o condenarmos ou sem o temermos. Enquanto eu estiver a fugir de um fato, temo êsse fato; e quando há temor, não posso estar em comunhão com êle. Portanto, para se compreender o fato, o vazio, não deve haver temor. O temor só vem quando estou tentando fugir ao fato; porque, fugindo, não posso encará-lo diretamente. Mas, no momento que deixo de fugir, fico em presença do fato e posso encará-lo sem temor; estou então apto para atender ao fato.

Êste é, pois, o primeiro passo: enfrentar o fato, o que significa não fugir por meio do dinheiro, do divertimento, do rádio, das crenças, das asserções ou por qualquer outro meio. Pois aquêle vazio não pode preencher-se com palavras, com atividades, com crenças. Por mais que façais, aquela angústia não pode ser afastada por nenhum artifício da mente; e o que quer que a mente faça em relação a ela, não passará de uma esquivança. Mas, quando não há esquivança de espécie alguma, então o fato está presente; e a compreensão do fato não depende das invenções, das projeções ou dos cálculos da mente. Quando uma pessoa se defronta com o fato da solidão, com essa enorme angústia, com o imenso vazio da existência, verá se êsse vazio é uma realidade — ou se meramente é o resultado de dar nome, de dar designação, de "autoprojeção". Porque, dando-lhe nome, dando-lhe designação, nós o condenamos, não é verdade? Dizemos que é vazio, que é solidão, que é morte, e estas palavras — morte, solidão, vazio — implicam uma condenação, uma resistência; e pela resistência, pela condenação, não compreendemos o fato.

Para compreendermos o fato a que chamamos vazio, não devemos condenar nem d e s i g n a r o fato por um nome. Afinal de contas, o reconhecimento do fato cria o centro do *eu;* e o eu é o vazio, o *eu* são meras palavras. Quando não dou nome ao fato, quando não lhe dou designação, quando o não reconheço como isso ou aquilo, existe solidão? Afinal de contas, a solidão é um processo de isolamento, não é verdade? Sem dúvida, em tôdas as nossas relações, em todos os nossos esforços na vida, estamos sempre a isolar-nos. Êsse processo de isolamento deve, evidentemente, conduzir ao vazio; e sem compreender todo o processo do isolamento, não sere-

mos capazes de dissolver êsse vazio, essa solidão. Mas quando compreendermos o processo de isolamento, perceberemos que o vazio não passa de produto de meras palavras, de mero reconhecimento; e, no momento em que não há mais reconhecimento, não há mais dar nome a êle, e portanto não há mais temor, o vazio se transforma noutra coisa, transcende-se a si mesmo. Então, já não é "vazio", é o "estar só" — algo muito mais vasto do que o processo de isolamento.

Ora, não precisamos estar sós? Presentemente não estamos sós: somos um mero feixe de influências. Somos o resultado de influências de tôdas as espécies — sociais religiosas, econômicas, hereditárias, climáticas. Através de tôdas essas influências tentamos descobrir algo além; e se o não encontramos, nós o inventamos e ficamos apegados às nossas invenções. Mas, quando compreendemos o processo integral da influência, em todos os diferentes níveis de nossa consciência, então, tornando-nos livres dela, há um "estar só" isento de influências; isto é, a mente e o coração já não estão sendo moldados pelos fatos exteriores ou pelas experiências interiores. É só quando existe êsse "estar só", que temos a possibilidade de achar o real. Mas a mente que está apenas a isolar-se, pelo temor, só pode encontrar angústia; e a mente assim jamais transcenderá a si mesma.

Para a maioria de nós, a dificuldade consiste em não ter consciência de nossas fugas. De tal maneira estamos condicionados, de tal maneira nos habituamos às nossas fugas, que as tomamos por realidades. Mas, se examinarmos mais a fundo a nós mesmos, veremos como somos extraordinàriamente solitários, extraordinàriamente vazios, sob a capa superficial de nossas fugas. Tomando consciência daquele vazio, estamos constantemente a encobri-lo com várias atividades, — artísticas, sociais,

religiosas ou políticas. Mas o vazio nunca pode ser definitivamente encoberto: tem de ser compreendido. Para o compreendermos, precisamos ficar cônscios dessas fugas; e quando compreendermos as fugas, estaremos então capacitados a enfrentar o nosso vazio. Veremos, então, que o vazio não é diferente de nós mesmos, que o observador é o objeto observado. Nessa experiência, nessa integração do pensante e do pensamento, desaparece êsse vazio, essa angústia.

PERGUNTA: Os ocidentais são capazes de meditar?

KRISHNAMURTI: Parece-me que esta é uma das idéias românticas dos ocidentais: que só os orientais sabem meditar. Assim sendo, procuremos descobrir, não uma maneira de meditar, mas o que entendemos por meditação. Experimentemos juntos, para verificar o que significa meditação, e o que se subentende na meditação. O mero aprender a meditar, o adquirir uma técnica, não é evidentemente meditação. O procurar um *yogi*, um *Swami*, o ler a respeito da meditação, em livros, e o procurar imitar, sentado em determinadas posturas, com os olhos fechados, respirando por uma certa maneira, repetindo palavras — nada disso, certamente, é meditação; é apenas seguir um padrão de conformismo, é tornar a mente repetitiva, habituada. O mero cultivo de um hábito, seja êle nobre, seja trivial, não é meditação. Essa prática de cultivar um determinado hábito é bem conhecida tanto no Oriente como no Ocidente, e pensamos que é um processo de meditação.

Vejamos agora o que é meditação. A concentração é meditação? A concentração num determinado interêsse, escolhido dentre muitos outros interêsses, o focalizar a mente num objeto ou numa entidade — isso é medita-

ção? No processo da concentração, evidentemente, há resistência a outras formas de interêsse; a concentração, por conseguinte, é um processo de exclusão, não é verdade? Não sei se já tentastes meditar, se já tentastes fixar a mente num determinado pensamento. Quando o fazeis, outros pensamentos se insinuam aos borbotões, porque estais também interessado nesses outros pensamentos, e não apenas no pensamento escolhido. Escolhestes um determinado pensamento, julgando-o nobre, espiritual, e pensando que deveis concentrar-vos nêle e rejeitar todos os demais pensamentos. Mas a própria resistência cria conflito entre o pensamento que escolhestes para concentração, e outros interêsses; despendeis assim o vosso tempo concentrando-se num pensamento e repelindo os outros, e essa batalha entre pensamentos é considerada meditação. Se lograis identificar-vos completamente com um só pensamento e resistir a todos os outros, pensais que aprendestes a meditar. Ora, uma tal concentração é um processo de exclusão, e por conseguinte um processo de auto-satisfação, não achais? Escolhestes um determinado pensamento, o qual julgais que no fim vos proporcionará satisfação, e saís atrás dêle, repetindo uma frase, concentrando-vos numa imagem, respirando, etc.. Êsse processo, no seu todo, implica progresso, "vir a ser" alguma coisa, conseguir um resultado. É o que interessa a todos nós: conseguir bons resultados na meditação. E quanto melhor êxito alcançamos, tanto mais pensamos ter progredido. Assim sendo, evidentemente, tais formas de concentração, a que chamamos meditação, não passam de mera satisfação; não são, absolutamente, meditação. Vemos, pois, que a simples concentração numa idéia não é meditação.

Que é, então, meditação? A prece é meditação? A devoção é meditação? O cultivo de uma virtude é medi-

tação? O cultivo de uma virtude só tem o efeito de fortalecer o *eu*, não é verdade? Sou *eu* que me estou tornando virtuoso. Pode o *eu* tornar-se virtuoso? Isto é, pode o centro de resistência, o centro de reconhecimento, que é um processo de isolamento — pode isso tornar-se virtuoso? Positivamente, só há virtude quando estamos livres do *eu;* assim sendo, o cultivo da virtude pela meditação é evidentemente um processo falso. Mas é um processo muito conveniente, porque fortalece o *eu;* e enquanto fortaleço o meu *eu*, penso que estou progredindo, que estou alcançando bom êxito, espiritualmente. Mas, decerto, isso não é meditação, é? Tampouco a prece — a prece, que é mera súplica, rôgo, que é uma exigência do *eu*, uma projeção do *eu*, no sentido de obter satisfação cada vez maior e mais ampla. Tampouco é meditação a imolação de nós mesmos a uma imagem, a uma idéia — o que se chama devoção; porque sempre escolhemos a imagem, a fórmula, o ideal de acôrdo com a nossa própria satisfação. O que escolhemos pode ser belo, mas estamos ainda em busca de satisfação,

Vemos, pois, que nenhum dêsses processos — concentração, repetição de certas frases, o respirar de maneira especial, etc. — pode ajudar-nos eficazmente a compreender o que é meditação. São êles muito populares, porque sempre produzem resultados; mas são todos, evidentemente, métodos insensatos de tentar meditar.

Ora, que é meditação? A compreensão das tendências da mente é meditação, não achais? Meditação é a compreensão de mim mesmo, é o estar cônscio de cada reação, tanto consciente como inconsciente — e isso é autoconhecimento. Sem autoconhecimento, como pode haver meditação? Positivamente, a meditação é o comêço do autoconhecimento; porque, se não conheço a mim mesmo, qualquer coisa que eu faça tem de ser simples

fuga de mim mesmo. Se não conheço a estrutura, as tendências do meu próprio pensar, sentir, reagir, que valor tem o imitar, o procurar concentrar-me, o aprender a respirar por determinada maneira, o absorver-me na devoção? Por essa maneira, naturalmente, nunca chegarei a compreender a mim mesmo; pelo contrário, estou apenas a fugir de mim mesmo.

A meditação, pois, é o comêço do autoconhecimento. Nela não há bom êxito, não há processos espetaculares. É dificílima. Como não desejamos conhecer a nós mesmos, mas desejamos apenas encontrar uma fuga, recorremos aos mestres, aos livros religiosos, às preces, aos *yogis*, etc, etc.; e pensamos então ter aprendido a meditar. Só quando compreendemos a nós mesmos é que a mente se torna tranqüila; e sem compreendermos a nós mesmos, não é possível a tranqüilidade da mente. Quando a mente está tranqüila, mas sem ter sido obrigada a ficar tranqüila, por meio de disciplina — quando a mente não está controlada, não está aprisionada na condenação e na resistência, mas espontâneamente tranqüila, só então é possível descobrir o que é verdadeiro e o que está além das "projeções" da mente.

Positivamente, se desejo saber se existe a realidade, Deus, ou o que quiserdes, a minha mente deve estar de todo tranqüila, não é verdade? Porque, o que quer que a mente encontre não será o real — será meramente a "projeção" das suas próprias memórias, das coisas por ela acumuladas; e a "projeção" da memória, evidentemente, não é a realidade ou Deus. A mente, portanto, tem de estar tranqüila, e não ser obrigada a ficar tranqüila; tem de estar tranqüila naturalmente, sem esfôrço, espontâneamente. Só então é possível a mente descobrir algo além dela própria.

PERGUNTA: A verdade é absoluta?

KRISHNAMURTI: A verdade é algo definitivo, absoluto, fixo? Gostaríamos que ela fôsse absoluta, porque nesse caso poderíamos refugiar-nos nela. Gostaríamos que fôsse permanente, porque poderíamos apegar-nos a ela, encontrar nela a felicidade. Mas a verdade é absoluta, contínua, suscetivel de ser experimentada vêzes e mais vêzes? A repetição de uma experiência é mero cultivo da memória, não é verdade ? Em momentos de tranqüilidade, posso experimentar uma determinada verdade; mas, se me apego a essa experiência, pela memória, e a faço absoluta, fixa — isso é a verdade? A verdade é a continuação, o cultivo da memória? Ou a verdade só pode ser encontrada quando a mente está de todo tran-tranqüila? Quando a mente não está cheia de lembranças, quando não está cultivando a memória como centro de reconhecimento, mas está cônscia de tudo o que digo, de tudo o que faça nas minhas relações, nas minhas ocupações, percebendo a verdade de tôdas as coisas, de momento em momento, positivamente êste é o caminho da meditação, não achais? Só há compreensão quando a mente está tranqüila; e a mente não pode estar tranqüila enquanto ignora a si própria. Essa ignorância não é dissipada por nenhuma forma de disciplina, pela obediência a nenhuma autoridade, antiga ou moderna. A crença só cria resistência, isolamento; e onde há isolamento, não há possibilidade de tranqüilidade. A tranqüilidade só vem quando compreendo todo o processo de mim mesmo — as várias entidades que estão em conflito umas com as outras e que compõem o *eu*. Sendo essa uma tarefa difícil,recorremos a outros, para aprender vários artifícios, a que chamamos meditação. Os artifícios da

mente não constituem meditação. A meditação é o começo do autoconhecimento. Meditar é observar, vigiar, estar cônscio de si mesmo, não numa determinada hora do dia, mas a tôdas as horas, quando passeamos, quando comemos, falamos, lemos, nas nossas relações — tudo isso constitui o processo no qual se descobrem as tendências do *eu*.

Quando compreendo a mim mesmo, há tranqüilidade, há serenidade da mente. Nessa tranqüilidade pode a realidade vir a mim. Essa tranqüilidade não é estagnação, não é a negação da ação. Pelo contrário, é a forma mais elevada de ação. Nessa tranqüilidade há criação — não a mera expressão de uma determinada atividade criadora, porém o sentimento da própria criação.

A meditação, pois, é o comêço do autoconhecimento, e o mero apegar-nos a fórmulas, a repetições, a palavras, não nos revela o processo do *eu*. É só quando a mente não está agitada, quando não é compelida, forçada, que há uma tranqüilidade espontânea, na qual vem à existência a verdade.

7 de maio de 1950.

CARTA DE NOTICIAS

Mantém a Instituição Cultural Krishnamurti, editôra dêste livro e de todos os mais do autor, um órgão de publicidade bimestral, denominado "Carta de Notícias", com o fim de divulgar, em primeira mão, conferências ainda inéditas e que dêem uma idéia do valor e significado do pensamento de Krishnamurti, anunciar suas atividades pelas várias partes do mundo, seus projetos de trabalho, etc., bem como tudo quanto se refira ao movimento da Instituição. Êsse boletim, por todos os motivos, deve ser lido, sempre, pelos interessados. A assinatura anual custa, apenas, 30 cruzeiros e pode ser solicitada na sede da I. C. K., na Avenida Rio Branco, 117, sala 203, Rio de Janeiro, ou mediante o envio de cheque dessa importância, vale-postal ou envelope com valor declarado.

ÍNDICE

Pág.